

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA AUGUSTA RIBEIRO

O CARÁTER FÁLICO DA PERVERSÃO SEGUNDO FREUD

Maringá

2013

MARIA AUGUSTA RIBEIRO

O CARÁTER FÁLICO DA PERVERSÃO SEGUNDO FREUD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Linha de pesquisa: Epistemologia e Práxis em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda

Co-Orientadora: Prof^a Dr.^a Angela Pires Caniato

Maringá
2013

MARIA AUGUSTA RIBEIRO

O CARÁTER FÁLICO DA PERVERSÃO SEGUNDO FREUD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dr.ª Angela Pires Caniato
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Co-Orientadora/Presidente)

Profª Dr.ª Regina Perez Christofolli Abeche
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. José Roberto Barcos Martinez
Universidade Federal da Grande Dourados

Aprovada em: 25 de Março de 2013.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118, campus da Universidade Estadual de Maringá.

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Walter, companheiro de todas as horas.

Aos meus filhos Rafael, Lucas e Marcelo. Sem vocês nada disso teria sentido nem valor.

Aos meus queridos pais Solon e Benedicta. Seus olhos de luz sempre iluminarão meu caminho (*in memoriam*).

Ao Dr. Hélio Honda, sem ele, a realização deste trabalho não teria acontecido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a todos os anjos e santos que me inspiram a perseverar na fé;

Aos professores e colegas do Mestrado;

Aos amigos do Departamento de Psicologia da UEM;

À Prof.^a Dr.^a Angela Pires Caniato, Prof.^a Dr.^a Regina Perez Christofolli Abeche, Prof. Dr. José Roberto Barcos Martinez, pela disponibilidade e amizade.

EPÍGRAFE

“Pelo sonho é que vamos, comovidos e mudos. Chegamos? Não chegamos? Haja ou não haja frutos, pelo sonho é que vamos. Basta a fé no que temos. Basta a esperança naquilo que talvez não teremos. Basta que à alma demos, com a mesma alegria, ao que desconhecemos e ao que é do dia a dia. Chegamos? Não chegamos? Partimos. Vamos. Somos”.

(SEBASTIÃO DA GAMA)

O CÁRATER FÁLICO DA PERVERSÃO SEGUNDO FREUD

RESUMO

Com o objetivo de discutir a questão da perversão na perspectiva da teoria freudiana da sexualidade infantil, procuramos explicitar o caráter fálico da perversão e sua relação com os processos psíquicos que estariam em sua base. Assim, a partir do estudo descritivo dos conceitos envolvidos no tema, o problema levantado consistiu em verificar na perversão se as pulsões, ao invés de colocarem-se a serviço da sexualidade genital adulta, permanecem fixadas ao funcionamento típico da fase fálica. A diversidade de interpretações entre os autores que estudam a perversão no enfoque psicanalítico levou-nos a retomar neste trabalho o estudo das possíveis relações entre as teorias infantis, a fase fálica e o valor narcísico do pênis. A hipótese desenvolvida foi a de que a sexualidade do adulto perverso apresentaria características infantis em razão da fixação na fase fálica, do investimento narcísico subentendido no caráter fálico do Eu e da realidade da castração, tendo como resultado uma dissolução edípica incompleta. Dessa maneira, o mecanismo da renegação seria acionado devido à impossibilidade de renunciar à crença na universalidade do pênis advindo das teorias sexuais infantis. Ao longo das leituras, foi possível observar que entre os anos de 1905 a 1911, a perversão na obra de Freud vincula-se principalmente à multiplicidade e autonomia das pulsões parciais, à descoberta da diferença entre os sexos na fase fálica, associada às teorias sexuais infantis. Entre 1914 a 1923, a perversão é desenvolvida junto ao conceito de narcisismo, à ausência do pênis na mulher e da realidade da castração com a consequente dissolução incompleta do complexo de Édipo. A partir dos anos vinte, principalmente no texto de 1927 sobre o fetichismo Freud elabora o mecanismo da renegação [*Verleugnung*] da realidade da castração a partir do qual ele chegará a postular a hipótese de uma clivagem do Eu, que explicaria a persistência, no funcionamento psíquico do perverso, de duas correntes paralelas: uma, que responderia à realidade e outra, que continuaria submetida à onipotência narcísica oriunda da fase fálica. Esses resultados trouxeram-nos a compreensão de que, dentro dos limites da abordagem freudiana da perversão, o mecanismo da renegação e a hipótese da clivagem do Eu constituem as bases metapsicológicas necessárias para circunscrever e fundamentar os quadros de perversão.

Palavras-chave: Perversão. Teorias Sexuais Infantis. Organização Genital Fálica. Mecanismo de Renegação [*Verleugnung*]. Metapsicologia. Freud.

THE PHALLIC CHARACTER OF PERVERSION ACCORDING TO FREUD

ABSTRACT

Aiming to discuss the issue of perversion in Freudian theory perspective of infantile sexuality, we explain the phallic perversion and its relation with the psychic processes that would be in its base. Thus, using the descriptive study of concepts involved in the topic, the problem consisted of verifying in the perversion if the pulsions remain attached to the typical operation of the phallic phase, rather than being in the service of adult genital sexuality. The diversity of interpretations among authors who study the perversion in psychoanalytic approach led us to retake the study of the possible relationship between children's theories, the phallic stage and the penis narcissistic value. The hypothesis was that the sexuality of perverse adults would show infantile characteristics because of the fixation on the phallic stage, the narcissistic investment implicit in phallic character of self and the reality of castration, resulting in incomplete dissolution of Oedipal complex. Thus, the mechanism of disavowal would be triggered due to inability to reject the belief of penis universality which arises from infantile sexual theories. Throughout the readings, it was possible to observe that in the period from 1905 to 1911, the perversion in Freud's work is mainly linked to the multiplicity and autonomy of the partial pulsions, the discovery of the difference between sexes in the phallic phase, associated with infantile sexual theories. From 1914 to 1923, perversion is developed together with the concept of narcissism, the absence of the penis in the woman and the reality of castration with consequent incomplete dissolution of Oedipus complex. From the 1920s, especially in the text of 1927 about fetishism, Freud elaborates the mechanism of disavowal [*Verleugnung*] of the castration reality. From that, he will come to posit the hypothesis of a cleavage of ego, which would explain the persistence of two parallel streams, concerning the psychic functioning of the wicked. One of them would respond to reality and the other would continue to be subjected to narcissistic omnipotence derived from phallic stage. Such results made us realize that, within the limits of Freudian approach of perversion, the mechanism of disavowal and the hypothesis of cleavage of ego, constitute the metapsychological foundations which are necessary to circumscribe and support perversion profile diagnosis.

Keywords: Perversion. Infantile Sexual Theories. Phallic Genital Organization. Mechanism of disavowal [*Verleugnung*]. Metapsychology. Freud.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
ALGUNS ASPECTOS DO PROBLEMA DA PERVERSÃO NA PSICANÁLISE	15
1.1 Breves considerações sobre a noção de perversão antes de Freud	16
1.2 A perversão na perspectiva de alguns autores atuais	19
1.3 Aspectos gerais da concepção de perversão em Freud	25
1.3.1 Sexualidade na ótica de Freud – início da psicanálise	26
1.3.2 O caráter pulsional da sexualidade	29
1.3.3 O dualismo pulsional e os destinos da pulsão	35
1.3.4 Algumas características da sexualidade infantil: zonas erógenas e autoerotismo ..	40
1.3.5 O prazer nas zonas erógenas, o prazer genital e fixação no pré-prazer	44
CAPÍTULO II	
A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL (FÁLICA) E A CRENÇA NA UNIVERSALIDADE DO PÊNIS	47
2.1 O investimento narcísico do Eu e a organização genital	50
2.2 O complexo de Édipo, a angústia de castração e o desenlace da situação edípica ..	54
2.3 A pulsão de saber e as teorias sexuais infantis	59
CAPÍTULO III	
O MECANISMO DE RENEGACÃO, A CLIVAGEM DO EU E O CARÁTER FÁLICO DA PERVERSÃO	66
3.1 Alguns dos conflitos do Eu e seus mecanismos de defesa	66
3.2 O mecanismo de renegação e a clivagem do Eu	71
3.3 O caráter fálico na perversão	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é discutir a questão da perversão na perspectiva da teoria freudiana da sexualidade infantil. Para tanto, procura explicitar o caráter fálico da perversão e sua relação com os processos psíquicos que estariam em sua base. A partir do estudo descritivo dos conceitos envolvidos no tema, o problema levantado consistiu em verificar na perversão se as pulsões, ao invés de colocarem-se a serviço da sexualidade genital adulta, permanecem fixadas ao funcionamento típico da fase fálica. Pautados na postulação de Freud (1926/2008) de que a sexualidade infantil é a chave para entender a perversão, tentaremos demonstrar que esse tipo de funcionamento psíquico poderia decorrer de vivências sexuais infantis, especificamente da fase fálica.

O texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*¹ de 1905 é considerado um dos mais importantes de Freud por apresentar uma nova compreensão sobre a sexualidade humana, tanto nos seus aspectos de normalidade como de psicopatologia a partir da sexualidade infantil. Nesse texto, Freud (1905/2008) postula que, na infância, as pulsões sexuais são parciais e manifestam-se de forma autoerótica, ou seja, não estariam subordinadas ao primado dos genitais, próprio da sexualidade adulta. Nos anos seguintes ao texto de 1905, a sexualidade infantil será vinculada a novos postulados, entre os quais a ideia de que na infância as crianças produziram teorias sexuais típicas para explicar temas que ela não compreende, como, por exemplo, o nascimento dos bebês e a diferença entre os sexos.

Mais tarde, em 1923, no texto *A organização genital infantil*, Freud apresenta a fase que interessa analisar nesta dissertação, a fase fálica, que tem como principal característica o fato de que tanto para o menino quanto para a menina apenas um órgão sexual entra em consideração: o masculino (Freud, 1923b/2011, p. 171). Dessa forma, Freud afirma a existência de uma organização sexual genital ainda durante o período infantil da sexualidade. Pouco depois, em 1925, no texto *Autobiografia*, o autor vincula a fase fálica às teorias sexuais e à descoberta da diferença entre os sexos, alertando que na infância a criança desenvolve essas teorias, mas que “por depender da incompletude de sua organização somática, misturam coisas certas e erradas e não podem solucionar o problema da vida sexual” (Freud, 1925a/2011, p. 117).

¹ A partir daqui denominado *Três Ensaios*.

Para guiar-nos no manejo da hipótese desta dissertação, servimo-nos de algumas passagens dos textos em que Freud vincula claramente a perversão à sexualidade infantil, como, por exemplo, quando no texto de 1925 o autor assinala que mesmo nos tipos mais raros de perversão é possível observar a manifestação das pulsões parciais próprias da infância. Essas pulsões, segundo o autor, estariam fixadas em pontos anteriores ao advento da primazia genital, ou seja, “em busca de prazer, vale dizer, de maneira autônoma, como nos primeiros dias do desenvolvimento libidinal” (Freud, 1925a /2011, p. 36). Além dessa possibilidade de fixação da sexualidade em etapas pré-edípicas, há que se levar em conta também um comportamento narcísico. Daí a necessidade de compreendermos o sentido do narcisismo na organização genital fálica e seu papel nos destinos do complexo de Édipo.

Assim, em termos mais precisos, a hipótese desta dissertação é a de que a perversão na vida adulta seria resultado de uma dissolução edípica incompleta. Ou seja, em razão da fixação das pulsões parciais aos processos próprios da organização fálica, em sua manifestação, a sexualidade do perverso apresentaria características infantis relacionadas ao complexo de Édipo. Essa questão apoia-se no texto *Uma criança é espancada* (1919/2008), conforme o postulado de Freud de que a perversão infantil teria seu núcleo no complexo de Édipo, e como as neuroses “seriam precipitados do complexo de Édipo, por assim dizer as cicatrizes deixadas pelo processo que terminou” (Freud, 1919/2008, p. 190).

Em vista do acima exposto, um dos principais motivos que justificam a retomada do estudo da perversão na obra de Freud seria a necessidade de aprofundar o estudo das relações entre as teorias infantis, a fase fálica e o valor narcísico do pênis na constituição do psiquismo humano. Outro motivo deve-se à diversidade de interpretações entre os autores que estudam o tema no enfoque psicanalítico em relação às características e formas perversas, o que tem sido motivo de amplos e polêmicos debates nos meios científicos.

Além das justificativas teóricas, buscamos analisar conceitualmente as ideias de Freud como ponto de partida e condição primordial para o aprimoramento no manejo clínico devido à incidência crescente de pacientes com características semelhantes àqueles que adotam saídas perversas, fenômeno amplamente discutido em livros e artigos de psicanalistas como Chasseguet-Smirgel (1984), McDougall (2011), Stoller (1976), Birman (1997, 2009), Ferraz (2010, 2011), Ceccarelli (2005) e outros.

Como modelo teórico para o estudo da teoria psicanalítica, seguimos o método proposto por Laplanche e comentado por Mezan (2005, p. 97), o qual se baseia em realizar leituras e estudos que permitam historicizar os conceitos no interior da obra e problematizar o tema. Além destes autores, apoiamo-nos também em Monzani (1989, p. 23), para quem a obra de Freud segue “como uma rede, um tecido de significações que vale a pena ser explicitado, comentado, discutido e interpretado”. Inspirados nesses modelos, buscamos trilhar os caminhos que nos possibilitassem compreender a perversão nos textos freudianos. Nesse sentido, tentamos mostrar nesta dissertação como esse tema, bem como o movimento de pensamento que o caracteriza, apresenta certa evolução, tornando-se gradativamente mais complexo à medida que Freud aprofunda-se na análise do problema e amplia seu alcance.

Sendo esta uma pesquisa de tipo bibliográfica conceitual, as fontes da obra de Freud foram, quando disponíveis, preferencialmente as traduzidas por Paulo César de Souza, publicadas no Brasil pela Companhia das Letras. Em sua falta, utilizamos os textos da edição castelhana, publicada na Argentina por Amorrortu Editores, assim como os da antiga edição *standard* brasileira das obras psicológicas de Freud, publicada pela editora Imago. Além dos textos de Freud, pesquisamos outros livros, teses, dissertações e artigos científicos [SciELO] relativos ao tema da perversão e conceitos afins.

O interesse de Freud pelo tema da perversão atravessa toda a sua obra, apresentando-se em diferentes períodos, começando nas cartas 52 e 57, endereçadas a Fliess, respectivamente nos anos de 1896 e 1897, até seus últimos textos, como *Fetichismo* (1927) e *A clivagem do Eu no Processo de Defesa* (1938). Dos textos de Freud, as leituras para a compreensão da perversão se detiveram principalmente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); *Sobre as teorias sexuais da criança* (1908); *Introdução ao narcisismo* (1914); *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917 [1915-1917]); *O Eu e o Id* (1923); *A organização genital infantil* (1923); *A dissolução do complexo de Édipo* (1924); *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925); *Autobiografia* (1925); *Fetichismo* (1927); *A clivagem do Eu no processo de defesa* (1938). Assim, à luz da evolução das ideias sobre o tema, neste trabalho levamos em conta a conceitualização que Freud deu à perversão, localizada inicialmente nas questões da sexualidade infantil e do investimento narcísico do Eu vinculado à crença na universalidade do pênis, articulada aos desenvolvimentos posteriores referentes ao mecanismo psíquico de renegação [*Verleugnung*]. Ou seja, o

investimento narcísico estaria subentendido ao caráter fálico do Eu que caracterizaria o perverso, e dessa maneira o mecanismo da renegação seria acionado justamente devido à impossibilidade de renunciar à crença na universalidade do pênis/falo, advindo das teorias sexuais infantis.

Para tentar dar conta dessa tarefa, organizamos a discussão em três capítulos, a fim de desenvolver as questões que precisariam ser articuladas para compreendermos a concepção freudiana da perversão: a da universalidade do pênis, a do narcisismo nela subentendido, e a do funcionamento psíquico com base na renegação. Este último, inclusive, parece-nos difícil de ser compreendido de forma justa se destacado das duas questões anteriores.

Como aproximação inicial, o capítulo I, sob o título *Alguns aspectos do problema da perversão na psicanálise*, tem como objetivo a apresentação de alguns pontos de referência a fim de situar minimamente o tema em um contexto histórico e problemático. Para tanto, desenvolvemos alguns aspectos históricos da perversão anteriores a Freud, fazemos uma breve apresentação da questão da perversão na perspectiva de alguns psicanalistas atuais para, depois, no contexto freudiano, discutir o caráter perverso-polimorfo da sexualidade infantil. Esse capítulo está organizado em três seções: 1.1 Breves considerações sobre a noção de perversão antes de Freud; 1.2 A perversão na perspectiva de alguns autores atuais; e 1.3 Aspectos gerais da concepção de perversão em Freud. Por sua vez, esta última seção consta de quatro subseções: 1.3.1 Sexualidade na ótica de Freud – início da psicanálise; 1.3.2 O caráter pulsional da sexualidade; 1.3.3 O dualismo pulsional e os destinos da pulsão; 1.3.4 Algumas características da sexualidade infantil: zonas erógenas e autoerotismo; 1.3.5 O prazer nas zonas erógenas, o prazer genital e fixação no pré-prazer.

O capítulo II, sob o título *Organização genital infantil (fálica) e a crença na universalidade do pênis*, busca aprofundar um tema mais específico entre aqueles apresentados no capítulo I, e articulá-lo com o problema do narcisismo. Busca também examinar algumas das características da fase fálica visando a explorar com um pouco de detalhe o que Freud denominou teorias sexuais infantis, em especial a crença infantil na universalidade do pênis, as angústias de castração e a saída edípica normal, momento em que, diante do conflito que se instala entre desejo e proibição, a criança abriria mão de sua crença nas teorias sexuais então produzidas e do objeto incestuoso. Esses temas consistem nas seguintes seções: 2.1 O investimento narcísico do Eu e a organização

genital; 2.2 O complexo de Édipo, a angústia de castração e o desenlace da situação edípica; 2.3 A pulsão de saber e as teorias sexuais infantis.

O capítulo III, sob o título *O mecanismo de renegação, a clivagem do Eu e o caráter fálico*, visa acompanhar os últimos passos de Freud na explicação da perversão. Para tanto, procura mostrar como as hipóteses metapsicológicas relativas ao mecanismo de renegação e à clivagem do Eu encontram-se articuladas com as questões desenvolvidas no capítulo anterior. Para auxiliar na compreensão do mecanismo de renegação, antes são retomadas algumas noções acerca do funcionamento psíquico, em particular alguns dos mecanismos de defesa acionados pelo Eu na situação de conflito. Assim, após a discussão do mecanismo de renegação e da clivagem do Eu, apresentamos alguns comentários sintéticos sobre o caráter fálico na perversão. Esses temas foram distribuídos nas seguintes seções: 3.1 Alguns dos conflitos do Eu e seus mecanismos de defesa; 3.2 O mecanismo de renegação e a clivagem do Eu; 3.3 O caráter fálico na perversão.

CAPÍTULO I

ALGUNS ASPECTOS DO PROBLEMA DA PERVERSÃO NA PSICANÁLISE

Quando, nos primórdios do século XX, Freud apresenta a teoria de que a sexualidade estaria presente no indivíduo desde o nascimento, por tratar-se de sexualidade e infância, reações de surpresa e indignação surgiram por toda a parte, não se limitando apenas aos meios científicos. Reações desse tipo não se limitavam somente aos meios científicos, porque o tipo de ideia veiculado abalava os alicerces da moral e dos costumes que norteavam a sociedade até então. O impacto revolucionário das ideias de Freud sobre a sexualidade infantil serviu, além de tudo, para fundamentar cientificamente o processo civilizatório da humanidade, isto porque se compreendia que é da renúncia à satisfação desenfreada dos desejos sexuais que nasce a cultura e o indivíduo civilizado. Ou seja, o fato de o ser humano desistir de alguma satisfação nem sempre se mostra como um caminho natural, resultando na maioria das vezes em conflitos psíquicos. Afirma Freud (1930/2010):

É impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos. Essa “frustração cultural” domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens [...] Não é fácil compreender como se torna possível privar um instinto de satisfação. É algo que tem seus perigos; se não for compensado economicamente², podem-se esperar graves conflitos (Freud, 1930/2010, p. 60; grifos no original).

Nesse sentido, observamos que, apesar da frieza inicial com que o mundo científico teria recebido as teorias freudianas, aos poucos, embora as grandes dificuldades enfrentadas por Freud na transmissão da psicanálise, esta começou a despertar o interesse de outros cientistas e passou a difundir-se por diferentes países.

² Conforme Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 167), Freud define metapsicologia do ponto de vista dinâmico, tópico e econômico. Econômico “qualifica tudo o que se refere à hipótese segundo a qual os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional)”.

Suas ideias chegaram aos países mais remotos, deixando “perplexos os psiquiatras, como se fez escutar pelos leigos cultos e os trabalhadores de outros campos da ciência” (Freud, 1914/2008, p. 29).

A proposição freudiana de que a “disposição para a perversão não é algo de raro ou de singular, mas uma parte da chamada constituição normal”, conforme esclarecem Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 433), proporcionou uma compreensão da sexualidade humana inovadora em relação à concepção vigente até os finais do século XIX, para a qual nem mesmo a sexualidade era dada como parte da natureza da criança. Dessa forma, com a finalidade de situar essa discussão, neste capítulo inicial discorreremos brevemente sobre as concepções de perversão anteriores à psicanálise e apresentamos algumas das teorias de autores psicanalíticos da atualidade para então tentar clarificar o que Freud propala acerca da sexualidade infantil como aquilo que define a sexualidade humana.

1.1 Breves considerações sobre a noção de perversão antes de Freud

Iniciamos esta seção com uma exposição sobre o emprego da palavra perversão, que de acordo com Lanteri-Laura (1994, p. 24) já vinha sendo utilizado desde 1444, com o sentido de algo deplorável. Na língua inglesa, a palavra perversão é citada na edição de 1842 do *Oxford English Dictionary* como sinônimo de *índole ferina ou ruim* (Ferraz, 2010). Já na língua francesa, foi traduzida como retornar, derrubar, inverter, erodir, desorganizar, cometer extravagâncias (Roudinesco & Plon, 1998).

Lanteri-Laura (1994) nos esclarece que até então a caracterização da perversão parte do contexto religioso, como algo proibido e pecaminoso, e passa para os domínios da medicina e da ciência. Nesse sentido, tudo o que fosse enquadrado como comportamento desviante seria rotulado como perverso ou pervertido ou perversão, ocupando gradativamente um lugar na patologia geral e, posteriormente, na patologia médica psiquiátrica. Desde então, o vocábulo *perversão* tomou uma conotação pejorativa no senso comum, e no vocabulário da medicina passou a ser descrito como “uma degradação ou modificação para pior de uma função orgânica”. A partir daí, tal vocábulo passou a ser interpretado como “degeneração ou loucura moral” e, por fim, esse significado encontrou “sua conexão definitiva à sexualidade” (Ferraz, 2010, p. 22).

Para Foucault (1988), desde os fins do século XVIII, as práticas sexuais eram determinadas a partir da religião e da lei, as quais decidiam o que poderia ser

considerado lícito e ilícito, até mesmo sobre as relações conjugais. “Três grandes códigos explícitos [...] regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil [...] Todos estavam centrados nas relações matrimoniais” (Foucault, 1988, p. 37). Segundo o mesmo autor, no século XIX, houve uma intensificação de valores morais a respeito das questões sexuais. A Igreja e a medicina passaram a considerar a sexualidade voltada à reprodução e à monogamia heterossexual como única forma sexual saudável. O que fugisse disso e fosse considerado desvio sexual era estigmatizado como “loucura moral”, “neurose genital”, “aberração do sentido genésico”, “degenerescência”, ou “desequilíbrio psíquico” (Foucault, 1988, p. 39), passando a ser considerado patológico e até mesmo crime contra a natureza sob o desígnio do termo perversão.

Inicialmente, a medicina, por intermédio da “doença dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, [...] quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade [...] sob a forma de crimes antinaturais (Foucault, 1988, p. 32).

Portanto, em consonância com o autor, tentou-se padronizar e normatizar a prática sexual na sociedade, definindo valores sociais fortemente calcados no pátrio poder e na procriação como única forma legítima de exercer a sexualidade. A prática sexual que contrariasse essa regra passava a fazer parte das perversões, como exibicionismo, fetichismo, zoofilia, etc.

Do final do século XVIII até o nosso, [afigura-se um mundo de perversão, secante em relação ao da infração legal ou moral], perseguidos pelas leis, mas nem sempre, encerrados frequentemente nas prisões, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que também traz o nome de ‘vício’ e às vezes de ‘delito’. Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos (Foucault, 1988, p. 41).

No atual contexto, a psiquiatria vincula a perversão aos quadros clínicos das parafilias, classificadas nas modalidades de exibicionismo, fetichismo, pedofilia, masoquismo, sadismo, voyeurismo, escatologia, necrofilia, zoofilia, coprofilia etc. Esta

classificação da perversão como psicopatologia consta no *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM) da *American Psychiatric Association* (2012), amplamente difundido na área da saúde mental em todos os países do mundo. Rudge (2005) considera que apesar da crítica de expoentes autores como Barande (1980), Calligaris (1993), Dor (1991)³, de que a psicanálise vem sendo ‘contaminada’ pela psiquiatria, a autora assinala que não tem como confundir a abordagem psiquiátrica com o campo da psicanálise pelo fato desta ser focada na clínica transferencial. Por outro lado, Monzani (1989, p. 21, grifos do autor) esclarece que a “psicanálise, é *também* uma ciência e *enquanto tal* não pode ser reduzida à relação analítica”, o que permite que a leitura e o estudo dos textos de Freud sejam interpretados enquanto discurso científico. Para este autor (1989):

O mérito de Freud não foi somente de falar de uma sexualidade, o de ter realizado um *recuo temporal* (mostrando que a sexualidade já estava presente antes do que se pensava). De fato, esse recuo foi acompanhado de uma espécie de “estilhaçamento” da sexualidade. Desvinculando sexualidade, por um lado, da genitalidade e, por outro, de um modelo comportamental pré-formado (instinto), Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade [...] E é observando sua polimorfia perversa na criança que podemos começar a formar uma ideia de sua natureza e de seu modo de funcionamento (Monzani, 1989, p. 31, grifo no original).

Assim, da concepção de que o genital e o coito seriam a única meta como satisfação sexual, concernente às normas sociais vigentes até os primórdios do século XX, nasce a Psicanálise como um postulado complexo e revolucionário, apresentando ao mundo das ciências e à sociedade uma teoria sexual que provoca, até hoje, importantes questionamentos sobre a natureza humana.

1.2 A perversão na perspectiva de alguns autores atuais

³ Fontes citadas por Rudge (2005, p. 43): Barande, R. (1980). Poderemos nós não ser perversos? Psicanalistas, ainda mais um esforço. In: M'uzan, M. (et al). Calligaris, C. (1993). *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale: La passion de l'instrumentalité*. Tese (Doutorado). Université de Provence Aix-Marseille I. (não publicado). Dor, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus Timbre.

Encontramos na psicanálise atual diferentes leituras sobre a perversão, abarcando desde concepções que privilegiam um ponto de vista mais biológico até aquelas interpretações mais culturalistas. Sobre questões análogas a essas, Monzani discorre longamente em seu livro, *Freud o Movimento de um Pensamento* (1989), e faz importantes considerações a respeito desse polêmico debate sobre as bases epistemológicas da psicanálise freudiana:

Deixemos claro, logo, que nada está mais longe de nossos propósitos do que negar a existência de um problema [...] entre representação mecanicista e energética, de um lado, e um trabalho de decodificação, de deciframento do sentido, do outro. Mecanicismo energético e teoria do sentido parecem, com efeito, à primeira vista, não se darem muito bem, e fica difícil perceber, num primeiro momento, como podem habitar o mesmo espaço (Monzani, 1989, p. 73).

Na atualidade, entre alguns dos autores que contribuíram com as pesquisas relativas à sexualidade e à perversão, destacamos Robert Stoller e Joyce McDougall, os quais realizam leituras sob uma ótica que deixa de ser unilateral, ou seja, nem tentam reduzir a cultura à biologia, nem expurgam o biológico em favor de uma visão culturalista, mas sim levam em consideração ambos os aspectos, o biológico e o cultural.

Começando por Stoller (1976), sua teoria define a perversão como aberração sexual atuada no ódio, na vingança e no triunfo da revanche. Assim, a hostilidade faz parte integrante do desejo sexual do perverso, no sentido de ferir e causar dano e dor, devido à identificação deste com o agressor da infância, algum membro da família ou alguém que foi próximo a ele. Nesse enfoque, Stoller dá o seguinte conselho aos estudiosos:

Devemos ser cuidadosos, especialmente aqueles dentre nós que nos orgulhamos de nossa empatia, para não pensarmos que compreendemos determinadas experiências que estão muito além das nossas próprias; devemos ser particularmente cautelosos quando nossas convicções estão fortificadas pela validação consensual (Stoller *apud* McDougall, 2011, p. 217).

O núcleo do ato perverso, na teoria de Stoller, é o desejo de prejudicar os outros, e a perversão é uma forma de ódio erotizada, encenada por meio de fantasias sexuais

para a obtenção máxima da satisfação motivada pela hostilidade. A hostilidade na perversão toma forma de fantasia de vingança, convertendo um trauma infantil em triunfo adulto, relacionando-se, portanto, a traumas ocorridos na infância que serão revividos nos atos perversos, transformando o trauma em orgasmo, prazer e vitória (Renn, 2009).

Na teoria de Stoller, excessivas estimulações sexuais na infância, acompanhadas de muita culpa e vivenciadas como traumáticas, transformam-se na vida adulta em rituais perversos sádicos, exibicionistas e voyeuristas. Podem se expressar em compulsivos telefonemas sexualmente abusivos ou em cartas e uso de prostitutas e demais formas de promiscuidade. Em casos mais graves, podem ser acompanhados de assassinato, mutilação, estupro, sadismo, punições físicas como chicotadas, cortes, defecar ou urinar sobre o objeto, sempre com muita raiva dirigida ao objeto sexual, temporariamente aplacado após a atuação da fantasia perversa. A fonte da raiva que está escondida no ato perverso reside na vitimização de assuntos da infância, geralmente relacionados aos pais ou substitutos, transformando a raiva e a impotência em vitória sobre aqueles que o fizeram sentir humilhação e rejeição. Em homens, os rituais perversos podem servir também para a preservação da masculinidade, e em situações de intimidade, podem ser uma defesa contra o desejo de simbiose com a mãe, o que, em parte, explica a dificuldade de certos homens em viver amorosamente com uma mulher durante longos períodos, sendo impelidos a afastar-se rapidamente de mulheres, podendo inclusive ocorrer crises de ansiedade após o coito.

Em suma, segundo a teoria de Stoller, acontecimentos sexuais traumáticos vivenciados na infância são armazenados no inconsciente e atuados por meio de fantasias, transformadas em atos perversos. Através do mecanismo perverso, o sujeito tenta alcançar um equilíbrio psíquico entre o desejo de se fundir com o agressor e manter-se separado deste como formação de compromisso. Dessa maneira, a hostilidade, que antes era trauma direcionado ao agressor, é redirecionada para si mesmo e, posteriormente, volta-se para o exterior em busca de uma vítima para satisfazer sua necessidade de vingança.

Já McDougall (2011), considerada por Roudinesco e Plon (1998) uma das melhores revisionistas da doutrina freudiana da perversão, propõe a integração da leitura biológica e social para a compreensão dos conflitos psíquicos. Para a autora, esses conflitos seriam o resultado do choque entre o mundo interno das pulsões e as forças coercitivas do mundo externo, desencadeados desde o primeiro relacionamento

sensual do bebê. Ou seja, conflitos permanecerão para sempre como sintomas psicológicos, inclusive como fragmentos nas relações amorosas e sexuais da vida adulta, e no caso da perversão seguirão na forma de rituais como tentativa de provar a inexistência da castração. Dessa forma, a autora entende que na prática da psicanálise cabe ao analista compreender a vivência psíquica dos pacientes. Deve-se esperar que eles, ao tomarem consciência de suas fantasias e conflitos, reconheçam seus valores, reconsiderem suas crenças, tanto religiosas, como políticas, éticas e estéticas, suas escolhas e práticas sexuais.

Diferentemente de Stoller, no lugar da palavra perversão McDougall utiliza a expressão neo-sexualidade para designar as heterossexualidades e as homossexualidades desviantes. A autora justifica a utilização dessa nomenclatura para enfatizar o aspecto inovador das novas realidades sexuais, principalmente no que diz respeito aos pacientes fronteiriços. Para a autora, essas modalidades sexuais estão associadas a pacientes que em sua história de infância receberam mensagens ambíguas por parte das figuras parentais sobre sua identidade sexual, dos papéis sexuais e da definição de feminilidade e masculinidade. Seriam pacientes que passaram, em muitos casos, por acontecimentos perturbadores, como, por exemplo, abusos sexuais, que somados às circunstâncias vividas na infância, como a angústia despertada pela descoberta da diferença entre os sexos ligada ao conflito edípico, obriga os jovens a compensar com “outros modos” a renúncia aos seus anseios sexuais infantis. Assim, as sexualidades desviantes em adultos são descritas pela autora como práticas sexuais dominadas por atos pré-genitais, temas especialmente contemplados pelas teorias psicanalíticas.

A psicanálise tem uma contribuição específica a fazer para o estudo das aberrações da identidade de gênero nuclear e dos conflitos psíquicos relacionados à identidade de papel sexual, na medida em que orientações sexuais são moldadas pelas experiências do início da infância (McDougall, 2011, p. 10; grifos do original).

Para a autora, o desvio, como comportamento social, não deve ser julgado de antemão sempre como patológico, mas também não deve ser aceito e aprovado sem restrições, em especial se causar danos a indivíduos ou à sociedade. Nesse sentido, vale ressaltar a observação da autora sobre a distinção de Freud entre as homossexualidades e as formas heterossexuais de sexualidades desviantes:

Ele se referiu à homossexualidade como “inversão” e ao comportamento desviante dos fetichistas, dos exibicionistas, dos sadomasoquistas, etc., como “perversão”. Como ele próprio as definiu ambas referiam-se a uma “deflexão do objetivo ou alvo” sexual original (McDougall, 2011, p. 189; grifos no original).

Por essa razão, diante da complexidade humana, considera importante que os enquadres conceituais e psicopatológicos sejam continuamente reexaminados do ponto de vista teórico e clínico. McDougall afirma que:

O conceito de sintoma é normativo em si mesmo – é “normal” estar livre de sintomas neuróticos e psicóticos. As manifestações perversas e quase-perversas, pelo próprio emprego desses termos, estão incluídas na categoria de sintomas. Ao mesmo tempo, todos os sintomas são tentativas infantis de cura de si mesmo diante da dor mental inevitável (McDougall, 2011, p. 257-258).

Uma vez que as manifestações perversas estão classificadas como sintomas, os quais surgem como fruto de um “vigoroso esforço para sobreviver psiquicamente” (McDougall, 2011, p. 257), a sexualidade do perverso serve tanto ao propósito de fugir do sofrimento psíquico diante da impossibilidade da satisfação de desejos libidinais como também para não sucumbir às angústias de aniquilamento narcísico.

McDougall (2011) enuncia que o modo como Freud desenvolveu o tema da sexualidade feminina e sua vinculação com a perversão é discutível, pois nele estaria contido o aspecto falocêntrico, ou seja, corroborando a autora, o pensamento de Freud partiu de uma visão masculina da sexualidade. Por isso ele teria enfatizado a inveja do pênis, a idealização da maternidade e vinculado perversão à valorização do pênis. Em vista disso, Freud teria compreendido que as construções perversas seriam defesas contra o temor da castração decorrente dos conflitos do complexo de Édipo masculinos. McDougall (2011) assinala que ao teorizar que a dissolução edípica na menina estaria resolvida se ela aceitasse ter um filho do pai no lugar do pênis, Freud não levou em conta a angústia de castração feminina. Para a autora, diferentemente da teoria freudiana, há a hipótese de que a angústia de castração na menina possa ser até mais intensa do que no menino, pois seus temores estariam centrados numa cavidade interna, a vagina, e dali poderiam distribuir-se pelo corpo inteiro.

Desse modo, em consonância com McDougall (2011), tanto para o menino quanto para a menina, além da angústia durante a fase dos desejos e fantasias edípicas, haveria muita insegurança sobre a identidade subjetiva, a qual viria acompanhada de intensa fúria e violência. Assim, a autora afirma que as sexualidades perversas seriam tipos de heterossexualidades desviantes, forma de reinventar o ato sexual decorrente, na maioria das vezes, de dificuldades e conflitos inconscientes relacionados à cena primária. A autora define cena primária como:

(...) o estoque total de saber inconsciente e a mitologia pessoal que a criança tem a propósito das relações sexuais humanas, especialmente as dos pais. Afora os aspectos genitais da cena primária e os conflitos fálico-edipianos associados a ela [...] essa cena também pode ser descrita em termos pré-genitais, tais como fantasias orais-eróticas e orais devoradoras, trocas anais-eróticas e anais-sádicas, confusões bissexuais, em fantasias arcaicas de trocas vampirescas ou o medo de perder o próprio sentimento de identidade ou a representação dos limites corporais (McDougall, 2011, p. 16; grifo no original).

A autora em questão reserva o termo perversão propriamente dito aos comportamentos de indivíduos que impõem seus desejos em roteiros sexuais sem o consentimento do outro, como nos casos de estupro, voyeurismo e exibicionismo, ou em casos de sedução de crianças. Ferraz (2010) comentando sobre as ideias de McDougall sobre a perversão entende que para a autora:

O ato sexual, ritualizado, não passa de uma montagem estereotipada em que o parceiro atua como um protetor contra a depressão e a perda da identidade (Ferraz, 2010, p. 67).

Ou seja, seriam relacionamentos que implicariam em total indiferença às necessidades e desejos do outro. Ou seja, as práticas sexuais ficariam circunscritas à encenações ilusórias ligadas aos terrores inconscientes da cena primária.

Por sua vez, Chasseguet-Smirgel (1984) resgata a importância da criança sexualmente desejante como um dos fenômenos universais na constituição do aparelho psíquico da teoria freudiana. Nesse âmbito, a autora elenca, entre os fundamentos centrais da psicanálise, elementos essenciais para a compreensão do conceito freudiano de perversão:

O caráter nuclear do complexo de Édipo, sua relação forçada com o complexo de castração, a onipresença da repetição e dos fenômenos de transferência, a sucessão quase imutável das fases de organização da libido, a chegada do período de latência, o descobrimento dos motivos da ‘predisposição’ a certos problemas mentais (fixação e regressão) [...] e das “teorias sexuais típicas” (Chasseguet-Smirgel, 1984, p.11; grifos no original).

Chasseguet-Smirgel aponta para a necessidade de que momentos conceituais presentes na obra de Freud devam ser estudados tanto na vertente biológica quanto social, sem a necessidade de interpretações psicanalíticas da cultura que tentam expurgar da psicanálise o biológico. A autora comenta que:

Nada é mais fascinante, com efeito, do que observar como a relação do sujeito com seus objetos sexuais, ainda que dependa estreitamente da biologia, se estende ao conjunto de sua vida psíquica, de seus comportamentos, de suas atitudes morais, sociais, religiosas, estéticas, ideológicas, em resumo, à sua ‘concepção de mundo’ (Chasseguet-Smirgel, 1984, p. 5).

Por esses motivos, Chasseguet-Smirgel observa que a compreensão do psiquismo perverso no trabalho analítico vem preocupando os analistas, devido à incidência de pacientes que adotam a solução perversa em determinados contextos socioculturais está aumentando cada vez mais. De acordo com a autora, o trabalho clínico exige cautela por razões tanto estruturais como contra-transferenciais. No contexto da clínica, o analista corre o risco de:

(...) ser mais ou menos cúmplice da atitude viciada de seu analisando e efetuar com ele uma *pseudo-análise* que não chega jamais ao núcleo depressivo que a perda da ilusão deve desvelar e, com ele, a verdade em sua terrível desnudes (Chasseguet-Smirgel, 1984, p. 13, grifo no original).

Ou seja, na visão da autora, é importante que o analista se mantenha consciente de suas próprias perversidades para que não se torne prisioneiro da ilusão em prejuízo do que pode ser muito mais a manutenção de uma organização perversa do que de um ato perverso em si.

1.3 Aspectos gerais sobre a concepção da perversão em Freud

Desde os primórdios dos seus postulados, como por exemplo, no texto de 1893, *Comunicação preliminar*, Freud já concebia as doenças psíquicas como o resultado de um trauma ocorrido no âmbito da sexualidade. E, conforme comenta Mezan, foi dessa forma que Freud atribuiu “ao sexo um papel na vida anímica” (Mezan, 2006, p. 125).

Com o intuito de compreender as causas da perversão sexual, no texto *Três ensaios* (1905) Freud apresenta estudos a partir de casos clínicos próprios e de outros profissionais que também investigavam o tema. Constata que características semelhantes próprias da perversão eram verificadas também nos indivíduos considerados sadios: “todas as inclinações às perversões eram verificáveis como forças inconscientes que se tornavam visíveis como formadoras de sintomas” (Freud, 1905/2008, p. 211). Com afirmações como esta Freud escandalizou sua época, especialmente porque saíam do enfoque até então situado no aspecto orgânico e adentrava ao universo do psíquico, sobre o que declara o autor:

Reconhecemos, portanto que as inclinações perversas estão muito difundidas; e dado esse fato, se nos impôs este ponto de vista: a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos, e a partir dela, a consequência de alterações orgânicas e inibições psíquicas, se desenvolve no curso da maturação da conduta sexual normal (Freud, 1905/2008, p. 211).

Assim, diferentemente do que se acreditava até então, as práticas sexuais que não visavam à procriação passaram a ser compreendidas sob a ótica da teoria da sexualidade, como acontecimentos da vida. A partir de então, a perversão passou a ser diagnosticada como resultado de algum tipo de perturbação ao longo do processo de maturação física e psíquica do indivíduo. Ou seja, apenas quando a disposição originária da perversão, somada à complexidade de outros fatores vinculados à sexualidade infantil, indicasse a presença de comportamentos com características perversas.

1.3.1 Sexualidade na ótica de Freud – início da psicanálise

Desde o início de sua obra, Freud referia-se aos primeiros anos de vida como os portadores de elementos centrais na constituição do psiquismo humano, o que tornou o infantil fundamental para o nascimento da psicanálise, tanto sob a ótica da teoria da sedução quanto pelo primado da fantasia. Em seus estudos sobre a histeria em relação à teoria do trauma da sedução, inicialmente Freud fundamenta como resultantes de fatores externos, na maioria das vezes, abusos sexuais sofridos pela criança por parte de adultos. No entanto, após cerca de 10 anos de trabalhos desenvolvidos na perspectiva da teoria da sedução, em correspondências a Fliess, na carta 69 redigida em 21 de setembro de 1897, Freud (1950 [1886-1899]/2008) apresenta os motivos pelos quais foi obrigado a questionar sua teoria. Ele passa então a trabalhar com a hipótese da fantasia e, em seguida, com a da sexualidade infantil. A esse respeito, Monzani (1989) nos esclarece que na teoria da sedução a sexualidade infantil estava ausente e a criança era situada em um mundo assexuado. Desse modo, segundo Monzani, os fatores que podem identificar o abandono da teoria da sedução, descritos por Freud na carta 69, são da ordem probabilística do nível dos fatos, ou seja, ele partiu do fracasso da análise e da improbabilidade universal de que todo adulto seja perverso. Contudo, em conformidade com Monzani, a justificativa de maior peso provém do ponto de vista teórico de que as vivências infantis são inacessíveis por conta da amnésia infantil e da impossibilidade de se distinguir, no inconsciente, o real da fantasiado.

Considerando-se que após o abandono da teoria da sedução a fantasia toma o lugar de maior valorização na teoria de Freud, ao mesmo tempo em que a psicanálise dava um grande salto rumo à sua constituição, a noção de sedução, que no primeiro momento esteve associada à pureza e passividade da criança, foi paulatinamente recuperada como sinônimo de cena primária. Nesse sentido, Monzani comenta:

Basta que nos lembremos da longa e importantíssima nota no caso do “homem dos lobos” para que se tenha uma ideia, inicialmente, do quanto é fundamental para Freud a noção de cena primária. No final das contas, nem que o paciente tenha visto um coito entre cachorros, este é o eleito, o grão de realidade, a partir do qual a cena foi construída. O que significa dizer que as fantasias, cenas, sintomas, não nascem nem se constituem como pura expressão das pulsões (Monzani, 1989, p. 48).

Em outras palavras, a sedução fica mantida, porém como cena primária, que pode ser produto de fantasia inconsciente ou não, como atesta Monzani (1989, p. 48): “essa concepção da fantasia, essencialmente correta, nada mais é que a retomada

daquilo que Freud pensava a respeito dela”. Portanto, para Monzani a teoria da sedução nunca foi abandonada definitivamente, ou seja, concebe que Freud “não nega o *fato* da sedução e aceita o papel *preponderante* da fantasia na explicação da etiologia dos sintomas” (Monzani, 1989, p. 43; grifos do original).

A partir dos *Três ensaios*, Freud resgata a sexualidade também como a expressão de gestos e carícias trocados entre a criança e quem cuida dela:

Nesse jogo complexo, sutil, onde diferentes ordens se encontram (desejo da criança/desejo da mãe, sedução/fantasia, etc.) e se chocam é que se estrutura isso que na forma definitiva denominamos a sexualidade adulta (Monzani, 1989, p. 53).

E assim, a partir do momento em que Freud instaura o desejo, a psicanálise pôde ancorar o psiquismo na fantasia, na sexualidade e no infantil, ficando o inconsciente não necessariamente conectado aos signos da realidade material, o que ocasiona a impossibilidade de distinguir a verdade da ficção. Estes postulados são apresentados por Freud na *23ª conferência* de 1916: “as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material” (Freud, 1916b/2008, p. 336). Assim, a teoria da sedução, vinculada aos fatos ocorridos na realidade externa traumática, cede sua posição de destaque à ideia de realidade psíquica, tornando-se a fantasia fundamental na construção da teoria do inconsciente. Para compreendermos o que Freud denomina inconsciente, citamos Monzani:

O núcleo da descoberta inaugural da psicanálise foi a constatação de que somos movidos e impulsionados por algo que nos escapa que se situa num outro “espaço”. Esse “outro lugar” foi inicialmente denominado o “inconsciente”, lugar privilegiado e de difícil acesso ao sujeito, onde, no entanto, habita sua verdade [...] esse “outro lugar” é a sede de uma “outra cena” (Monzani, 1989, p. 279; grifos no original).

Para construir a teoria do aparelho psíquico, Freud pressupõe que o ser humano, desde o momento que vem ao mundo, sente-se desamparado e dependente do outro para obter a satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência. E, para cada frustração dessas necessidades possivelmente a percepção que tem da realidade material passaria por alterações. Assim, conforme os postulados de Freud, no início da vida, sempre que houvesse algum tipo de frustração, a tendência do aparelho psíquico seria de minimizar

os efeitos causados pelo sentimento de abandono na ausência de quem cuida. E, para cada novo estado de incitação ou de desejo “a imagem recordativa do objeto, certamente é a primeira a ser afetada pela *animação de desejo* [...] resultando no surgimento de alucinações e fantasias” (Freud, 1950[1895] /1995, p. 32; grifo no original). Ou seja, o mecanismo que põe o aparelho psíquico em movimento será um tipo de percepção alucinatória. Nesse sentido, Freud entende que somente por meio da inibição da lembrança do objeto amado seria possível evitar o processo alucinatório da percepção.

Green (2007) pontua que desde o *Projeto de uma psicologia científica* (1950[1895]/2008, p. 371) Freud já fazia do ponto de vista tópico⁴ uma distinção entre percepção e alucinação primitiva nos dois modos de funcionamento do aparelho psíquico, o processo primário (sistema Inconsciente) e o processo secundário (sistema pré-consciente – consciente):

O primário refere-se ao investimento de desejo levado até a alucinação do objeto desejado. Na medida em que o objeto não está presente, quando uma ação reflexa se produz a consequência é a frustração. Aí é situada por Freud a justificativa para a necessidade de um processo secundário, em que a percepção, que é associada à presença do objeto, se distinga da alucinação (Green, 2007, p. 231-232).

Nesse âmbito, a alucinação primitiva não transtornaria apenas o vínculo com a realidade, mas produziria outra realidade com base em uma perda primária como condição. Isto é, o desejo da presença do objeto perdido poderia adquirir realidade enquanto alucinação e, dessa forma, a realidade psíquica poderia transpor-se para a realidade exterior produzindo o fenômeno alucinatório. Conforme esclarecem Laplanche e Pontalis (1967/1985), sobre a energia psíquica, do ponto de vista econômico-dinâmico no processo primário:

A energia psíquica escoia livremente, passando sem barreiras de uma representação para a outra segundo os mecanismos de deslocamento e de condensação; tende a reinvestir plenamente as representações

⁴ A teoria metapsicológica freudiana desde o início centra-se na noção de conflito psíquico, ou seja, é o que constitui o indivíduo, o qual poderá estar referido em diferentes modalidades: conflito entre o desejo e a defesa, entre os sistemas ou instâncias, entre as pulsões, entre dois sentimentos contraditórios, como na perversão. Há também na teoria o conflito edipiano. O conflito pode ser explicado ao nível “tópico entre os sistemas ou instâncias, e ao nível econômico-dinâmico como conflito entre as pulsões” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 132).

ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva) (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 474).

Mais tarde, no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), Freud formula as possibilidades de conflito entre o Eu e a realidade ou entre o Eu e as próprias pulsões. Nesse sentido, apresenta algumas diferenças entre a perda da realidade na neurose e a alucinação na psicose: “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela”, enquanto a psicose busca uma nova realidade “do modo mais radical, pela via da alucinação” (Freud, 1924d/2011, p. 218). Quanto ao conflito e à questão da realidade no caso da perversão, ela se aproximaria do conflito psicótico, uma vez que envolveria também um conflito entre o Eu e a realidade. No entanto, há que se considerar que existem processos psíquicos específicos, os quais serão discutidos em capítulo posterior.

Por conseguinte, o que podemos constatar é que ao forjar o aparelho psíquico com base na disposição sexual, diferentemente da base neuropática da psiquiatria do século XIX, Freud inaugura um novo tempo na compreensão e explicação dos processos psíquicos, patológicos e normais. Assim, a compreensão da sexualidade humana e da perversão iluminada pelo enfoque psicanalítico, tanto no sentido do diagnóstico como no sentido ético e ideológico. Em outras palavras, na perspectiva da psicanálise em meio a debates e divergências, a perversão recebeu uma nova abordagem ocupando a sexualidade infantil o lugar central. Passemos então ao exame dessas ideias.

1.3.2 O caráter pulsional da sexualidade

O conceito de pulsão [*Trieb*]⁵ é central para a compreensão dos processos psíquicos, primeiro, porque permite compreender o caráter psicológico do método freudiano (Honda,

⁵Para Laplanche e Pontalis (1967/1985), os termos alemães *Instinkt* e *Trieb* são encontrados nos textos de Freud em acepções diferentes. Para estes autores, quando Freud trata de *Instinkt* estaria qualificando um comportamento animal fixado pela hereditariedade, enquanto que a concepção freudiana de *Trieb* implicaria uma força que impulsiona o comportamento rumo à obtenção da satisfação. Portanto, estes autores consideram que, diferentemente do caso do instinto, a meta pulsional pode deixar de visar unicamente à reprodução. Por outro lado, em trabalhos recentes de tradução do texto original alemão de Freud para o português, alguns tradutores vêm contribuindo para o esclarecimento de certos problemas e a superação de algumas dicotomias. Hanns (1996, p. 338), por exemplo, informa que a tradução de *Trieb* “é uma das mais polêmicas, devido à extensa gama de significados e conotações do termo em alemão”, e traduz por pulsão. Paulo César Souza (2010) faz ampla análise da opção inglesa (Strachey) por *instinct*, e da francesa por *pulsion* (Lacan, Laplanche e Pontalis), e defende a tradução de *Trieb* por instinto. De acordo com este tradutor, “tal distinção, que se tornou quase um lugar-comum nos cursos de psicologia e

2009) e segundo, porque, mais especificamente, nos conduz aos conceitos relativos à teoria da sexualidade infantil: pulsão parcial e zonas erógenas (Mezan, 2011). Aqui, ressaltamos que citações de diferentes comentaristas da obra de Freud foram por nós utilizadas para melhor ilustrar o conceito da pulsão, o qual apresenta dificuldades e deficiências desde Freud, conforme nota do editor inglês Strachey (1925):

No texto de 1915, *Os Instintos e suas Vicissitudes*, Freud expressou sua insatisfação diante do estado do conhecimento psicológico sobre os instintos e descreveu instinto como “o elemento ao mesmo tempo mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica” (Strachey, 1925/1974, p. 132; grifos do original).

Para o autor supracitado, o termo *Trieb* teria sido pouco utilizado por Freud no período de Breuer, Fliess até o texto *A interpretação dos sonhos* de 1900. Somente a partir do texto *Três ensaios* (1905) este termo passará a ser mencionado como pulsão sexual. Entretanto, o que define a pulsão como fundamental para a sexualidade infantil é, conforme Monzani (1989, p. 94), o fato de ser transformada, desde o início da vida, de processos energéticos orgânicos para processos energéticos psíquicos. Na acepção deste autor:

O fato de haver nisso um problema, porém, não nos deve fazer esquecer de que Freud concebe um processo periódico de transformação global de energia somática em energia psíquica e que, portanto, o energético se instala e habita o psíquico (Monzani, 1989, p. 95).

psicanálise, baseia-se numa leitura simplificada da ‘letra freudiana’ e do próprio ‘texto-base do homo natura’ (Souza, 2010, p. 253). Além de certa polêmica gerada pela opção de tradução de Souza, um terceiro tradutor brasileiro das obras de Freud direto do alemão (Zwick, 2011, p. 190) esclarece que o substantivo *Trieb* é derivado do verbo *treiben*, que quer dizer “impelir, impulsionar, tocar para a frente”, e que, de acordo com o autor, é o sentido que Freud dá ao termo, como forças que estariam impulsionando as tensões. Isso coincidiria, segundo Zwick (2011, p. 190), com o sentido dado por Laplanche e Pontalis (1985), “um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força [...] que faz tender para um objetivo”. Zwick (2011) considera ainda que nem na tradução anglo-saxã (Strachey), que utilizou *instinct*, nem na francesa (Lacan e seus seguidores), que emprega *pulsion*, foi feita uma tradução, mas na verdade foram propostos termos equivalentes, tanto para o inglês como o francês. Nesse sentido, Zwick (2011, p. 191), buscando “os sentidos do termo alemão”, oferece a nós leitores da obra de Freud em português uma terceira opção, a tradução de *Trieb* por “impulso”. A partir do exposto e das dificuldades inerentes na tradução de *Trieb*, pareceu-nos mais coerente manter, nesta dissertação, a opção por *pulsão* para traduzir o termo alemão *Trieb*. Assim, visto que neste trabalho utilizamos os textos de Freud em diferentes traduções, as citações poderão conter uma ou outra das opções mencionadas (pulsão, instinto, impulso).

Ainda para Monzani (1989), na primeira tópica⁶ do aparelho psíquico o termo pulsão esteve “estritamente associado à vida, à autoconservação e à sexualidade” (Monzani, 1989, p. 226). Mas já nas primeiras edições dos *Três ensaios*, para descrever a pulsão, Freud a define como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o psíquico” e “o representante psíquico dos estímulos que se origina dentro do organismo” (Strachey, 1925/1974, p. 129). Isso, de acordo com este autor, poderia denotar ambiguidade, parecendo não haver distinção entre pulsão e representação pulsional. Contudo, em trabalhos posteriores, a questão energética da pulsão e sua representação psíquica tendem a ficar bem mais esclarecidas, como, por exemplo, no texto *O inconsciente* (1915c/2010), Freud afirma que:

Um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia. Se o instinto não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ele (Freud, 1915c/2010, p. 114-15).

⁶ Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 656) esclarecem que ‘tópica’ é um termo da linguagem filosófica grega para significar uma “teoria dos lugares”. Na psicanálise, Freud lançou mão desse termo para desenvolver a hipótese de “uma tópica psíquica” de cunho científico. Porém, sem que se limitasse “a reconhecer a existência de lugares psíquicos, mas atribui a cada um deles uma natureza e um modo de funcionamento diferente”. A primeira tópica do aparelho psíquico foi desenvolvida no capítulo 7 da *Interpretação dos sonhos* (1900) e mais tarde começou a ser redimensionada nos textos metapsicológicos de 1915. Dessa forma, a primeira tópica do aparelho psíquico freudiano tem como tese principal uma distinção entre Inconsciente, e Pré-consciente – Consciente, junto à concepção dinâmica de que estes se acham em conflito entre si. Ou seja, na primeira tópica, Freud caracteriza o conflito entre as pulsões sexuais inconscientes e as pulsões de autoconservação advindas do Eu consciente. A partir de 1920, Freud propõe o que tem sido denominada sua segunda tópica, tendo como motivo principal “a tomada em consideração cada vez mais intensa das defesas inconscientes, o que não permite fazer coincidir os polos do conflito defensivo com os sistemas precedentemente definidos: o recalcado como Inconsciente, e o ego com o sistema Pré-consciente – Consciente” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 660). Assim, pela segunda tópica o psiquismo é concebido como composto por três instâncias, o Id\isso, o ego\eu e superego\supereu\super-eu. Ou seja, quando Freud introduziu a segunda tópica em 1923, utilizou os pronomes *es* e *ich* substantivados, *das Es* (o Id ou o Isso), *das Ich* (o Eu), e para Supereu, *das Über-ich*. Em alemão, *es* é um pronome neutro e que apresenta múltiplos usos e funções. Para *das Es*, Freud adaptou um significado que conforme esclarece Hanns, (1996, p. 268) “designa algo ligado a uma ‘sensação de estranhamento’ e ‘alteridade’, que o próprio ‘eu’ sente perante as manifestações psíquicas de origem indeterminada que parecem acometê-lo à sua revelia”. Para *das Ich*, a referência é diferente dependendo do enfoque utilizado tanto no sentido do Eu corporal distinto de outras pessoas, como também para designar uma instância psíquica, uma região da mente, como por exemplo, no texto *O Eu e o Id* de 1923. Para Marilene Carone (*apud* Souza, 2010, p. 98), a ascendência da *Standard* brasileira, que foi traduzida da versão inglesa de Strachey e manteve ego, id e superego, teria causado um dano de difícil reparação para a formação da psicanálise brasileira. Souza (2010) também vê com perplexidade a utilização de termos latinos. Afirma que: “os pronomes latinos efetivamente contribuem para atenuar a carga afetiva dos conceitos (Eu nos atinge muito mais do que ego, que parece algo exterior a nós), mas razões históricas e culturais levaram à sua difusão” (Souza, 2010, p. 99). Diante de mais essa divergência entre os tradutores, em relação às instâncias psíquicas seguimos a opção de Souza (2010) e Hanns (1996) que utilizam Id, Eu e Super-eu.

No mesmo ano, em *Os instintos e seus destinos* (1915a/2010), Freud descreve a pulsão como um conceito limítrofe [*Grenzbegriff*] entre o anímico [*Seelischen*] e o somático [*Somatischen*] e como o representante psíquico dos estímulos que se originam no interior do corpo:

Voltando-nos agora para a consideração da vida psíquica do ângulo da biologia, o “instinto” nos aparece como conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo (Freud, 1915a/2010, p. 57).

Em outros termos, estando a pulsão localizada entre o corpo e o anímico, exprime-se em uma ação do corpo enviada ao psíquico como uma força de trabalho que tende a se impor ao aparelho psíquico. O objetivo dessa ação é de restaurar a quantidade de excitação pulsional ao seu nível mais baixo. Assim, a pulsão é o que estimula o sistema psíquico e o que descarrega a tensão. Honda (2009) argumenta que a pulsão pode ser entendida por seu aspecto quantitativo ou econômico como:

A expressão psíquica da erogeneidade corporal, das excitações sexuais que, nascidas no interior do corpo, alcançam a psique e exigem satisfação; e tem-se, por outro lado, que, dado o princípio que o regula, é justamente a elevação no nível excitatório do sistema psíquico que o impele a livrar-se de todo aumento de tensão, pondo-o em movimento (Honda, 2009, p. 92).

Para delimitar e indicar o tipo e o modo de interação entre psiquismo e corpo, como uma ideia ou convertidas somaticamente por meio de um afeto, Freud introduz os elementos que compõem a pulsão: pressão [*Drang*], meta [*Ziel*], objeto [*Objekt*] e fonte [*Quelle*].

A delegação ou apresentação psíquica da pulsão não se dá, porém, por algum elemento singular, mas por um composto, a saber, por uma ideia ou grupo de ideias [*Vorstellung, Vorstellungsgruppe*] ocupadas (*besetzt*) por uma quantidade de energia ou carga afetiva. Isto é, a pulsão é apresentada no psiquismo pelo representante ideativo (*Objekt*) e pelo representante afetivo, a quantidade de energia, o fator pressionante (*Drang*) que coage para a atividade psíquica, este último considerado por Freud (1967b) a essência da pulsão (Honda, 2011, p. 408).

Dessa forma, toda pulsão impõe trabalho ao psiquismo. Além disso, a pulsão é constituída por representações/ideias investidas [*Besetzung*] ⁷de energia ou excitações que brotam em diferentes lugares do corpo. A pulsão, assim concebida, reuniria em si o que denominamos uma ideia ou representação e a excitação sexual, proveniente do interior do corpo. Daí a opinião de que o psiquismo do qual trata a psicanálise freudiana é um psiquismo erógeno e pulsional.

Não se trata mais, certamente, do corpo fisiológico, deixado aos cuidados do fisiologista, em favor do psicológico, próprio ao estudo da linguagem, tematizado desde o estudo sobre as afasias, de 1891; nem pode se tratar só do corpo anatômico, como também sabemos desde o artigo sobre as paralisias histéricas, de 1893[...] Trata-se das hipóteses sobre as zonas erógenas, áreas corporais privilegiadas como fonte das chamadas pulsões parciais; enfim, hipóteses que implicam não só na transposição pulsional de erogeneidades de início parciais e isoladas, mas finalmente, o nascimento de um corpo pulsional, erógeno em sua totalidade (Honda, 2009, p. 93).

O estímulo sexual apresenta uma dinâmica de força constante, e pode ser caracterizado como uma necessidade constante de satisfação, a qual, independente dos meios, só visa ao fim. Em outras palavras, a pulsão não tem objeto próprio, mas sim uma multiplicidade de objetos⁸ (representações mentais) de satisfação:

⁷ Para o termo *Besetzung*, encontramos a tradução tanto por investimento como por catexia. Utilizado desde os primeiros textos da obra freudiana, tal termo designa “o ato de ‘ocupar algo com energia psíquica – um neurônio, uma representação, uma zona corpórea, um objeto’” (Hanns, 1996, p. 96), apresentado com “significativas ligações com o ‘deslocamento’ (*Verschiebung*), ‘facilitação’ (*Bahnung*), e ‘ligação’ (*Bindung*); termos também relacionados com a circulação e fixação energética, bem como com o ‘recalque’ (*Verdrängung*) e com a ‘vinculação’ (*Verknüpfung, Verbindung*)” (Hanns, 1996, p. 100). Os tradutores da obra de Freud para a língua inglesa (Strachey e Jones) utilizaram o neologismo “*catexis*” para o alemão *Besetzung*, apesar de que, para o próprio Strachey, no original, o termo alemão pode ter o sentido de ‘investimento’ ou ‘carga’. Possivelmente teria sido o próprio Strachey quem calçou o termo grego para designar “tanto o processo como o estado final a que ele conduz” (Souza, 2010, p. 101). Souza discorda da opção de Strachey e Jones e de alternativas sugeridas por outros pesquisadores. Para o autor, “o vocabulário” que Freud utiliza em sua obra, apresenta um estilo que abarca tanto um linguajar científico como coloquial, conservando nas narrativas um sentido bem próximo do literário imaginativo. Dessa forma, conforme Souza, o importante é, nem enfatizar exageradamente a normatização técnica científica dos termos nem transformar o “parentesco entre a psicanálise e a literatura” numa atitude de desdém. Por isso, Souza opta pelo termo ‘investimento’ na versão do termo alemão *Besetzung*, para a sua tradução dos textos de Freud publicados pela editora Companhia das Letras. Assim, por referir-se a uma energia investida e, conforme Hanns (1996) e Souza (2010), para tentar conciliar o coloquial com o científico da linguagem psicanalítica, nossa opção para a tradução foi pelo termo investimento.

⁸ “Ao falar da libido, concentrando-se sobre ‘objetos’[...] Freud tinha em mente as representações mentais (*Vorstellungen*) [...] e não, naturalmente, objetos do mundo externo” (Strachey, 1949/1972, p. 224).

Não são as pulsões em estado bruto que são recalçadas, mas as representações (*Vorstellungen*) e, até certo ponto, os afetos (*Affekte*) associados a tais representações [...] As pulsões representadas (*Repräsentiert*) são substituídas no consciente pelas ideias/representações [*Vorstellungen*]. Essas *Vorstellungen*, portadoras do *quantum* de energia pulsional, sofrem o recalçamento, pois ao atingir a consciência, a energia pulsional se expressa qualitativamente como afeto (de prazer ou desprazer), e é aos afetos incômodos que, em última instância, o recalque visa (Hanns, 1996, p. 364) ⁹.

Dessa maneira, o conceito de pulsão pode ser analisado a partir de alguns enfoques, dentre os quais optamos pela organização realizada por Honda (2009), que os distribuiu em três facetas. Primeiro, no que tange à definição de um “conceito limite entre o anímico e o somático”, Freud referia-se à pulsão. A segunda questão relaciona-se à definição de pulsão como representante psíquico¹⁰. Entendemos aqui que o psíquico seria aquele que “traduz e presentifica” os estímulos que provêm do corpo, como a sede e a fome, “dando concretude no psiquismo a uma espécie de sede ou de fome anímicas” (Honda, 2009, p. 91). A terceira faceta do conceito de pulsão, citando Honda (2009; 2011), é a parte definida por Freud como “medida de exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo”. Conforme esclarece Honda (2011, p. 409), medida de exigência “é a expressão do nível quantitativo, da intensidade de uma demanda erógena que ativa e põe em movimento o psiquismo”. Desse modo, a pulsão pode ser definida no aspecto quantitativo pulsional e no aspecto do nível de tensão:

(...) por um lado, temos um aspecto quantitativo ou econômico presentificado em todo evento psíquico entendido como pulsional, a expressão psíquica da erogeneidade corporal, das excitações sexuais que, nascidas de fontes (*Quelle*) corporais, alcançam a psique e clamam por satisfação; e, por outro lado, temos que, devido ao princípio que o regula, é justamente a elevação no nível excitatório no sistema psíquico que o impele a livrar-se de todo aumento de tensão, pondo-o em atividade (Honda, 2011, p. 409).

⁹ “Essa concepção de recalçamento como um processo que atua sobre as *Vorstellungen* visando afastar os afetos está presente ao longo da obra de Freud desde suas primeiras reflexões sobre o tema e é ainda nesse sentido que Freud, no texto ‘Fetichismo’ (1927), diferencia ‘recusa’ (*Verleugnung*) de ‘recalque’ (*Verdrängung*)” (Hanns, 1996, p. 365).

¹⁰ “Precisamos nos deter um pouco também sobre o uso que faz Freud da palavra *Repräsentant*, representante, no sentido de alguém delegado para representar um grupo, um exemplar típico de uma classe, enfim, uma espécie de procurador (Duden, 1999) [...] Freud (1967) dirá que essa presentificação, essa delegação (no sentido do *Repräsentant*) é efetivada mediante o representante da pulsão (*Triebrepräsenz*), o representante psíquico (*psychischen Repräsenz*)” (Honda, 2011, p. 408).

A questão postulada por Freud de “exigência de trabalho” indica a necessidade de que os fenômenos pulsionais devem conter entre suas características a noção de “pressão” [*Drang*] como motor que vai pressionar em diferentes intensidades esses fenômenos, e para Freud essa pressão [*Drang*] designa o que a pulsão apresenta de essencial.

1.3.3 O dualismo pulsional e os destinos da pulsão

Na primeira tópica do aparelho psíquico, Freud concebe a oposição entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, ou seja, entre Fome e Amor. À ação de mamar do bebê, que visa no início a saciar a fome, vai lentamente sendo acrescida pela pulsão sexual, se destacando “das funções de autoconservação em que a princípio se apoiava” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 508). Por essa razão, para essas primeiras interações entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, as quais aos poucos se tornam independentes das primeiras, Freud designou a função de apoio, isto é, no início as pulsões sexuais “apoiam-se nas funções vitais que lhes fornecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 66). Dessa forma, as pulsões de autoconservação são definidas por Freud como função de necessidade e as pulsões sexuais, que têm sua origem apoiadas na pulsão de autoconservação, não se confundem com ela.

A psicanálise apresenta o dualismo pulsional caracterizado também do ponto de vista econômico e dinâmico. O aspecto econômico da pulsão (Freud, 1905/2008) está vinculado ao fato de que a sexualidade não se restringe apenas às glândulas genésicas. Também possui uma quantidade de excitação sexual que se distribui nos órgãos do corpo, o qual fica representado por algo investido de energia sexual. Esse aspecto é identificado por Freud nos conteúdos relatados em análises de perversões e psiconeuroses. Conforme seus postulados, em 1905, Freud afirma que:

(...) esta excitação sexual não se origina apenas das partes chamadas genésicas, mas de todos os órgãos do corpo. Alcançamos assim a representação de um *quantum* de libido, a cuja submissão psíquica chamamos *libido egóica*; a produção desta, seu aumento ou sua diminuição, sua distribuição e seu deslocamento, estão destinados a propiciar a possibilidade de explicar os fenômenos psicosexuais observados (Freud, 1905/2008, p. 198; grifos no original).

O ponto de vista dinâmico na primeira Tópica diz respeito ao conflito psíquico polarizado entre a pulsão de autoconservação, como instância recalcadora, e a pulsão sexual, a qual se torna “o objeto privilegiado do recalçamento no inconsciente”, conforme esclarecem Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 518). Sendo o Eu¹¹ e a sexualidade duas forças com exigências contrárias, em um polo, as exigências expressas pela moral e, no outro os desejos sexuais, “o motivo do recalçamento reside em características específicas das representações sexuais que as tornariam inconciliáveis com o ‘ego’ e geradoras de desprazer para este” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985. p. 131).

Assim, para Freud, a tendência das pulsões para a satisfação completa e imediata encontra barreiras no seu caminho, provenientes dos mecanismos de defesa do Eu, e a partir do momento em que essas pulsões sofrem os impedimentos para serem satisfeitas apresentam-se novos destinos para sua satisfação. No texto *Os instintos e seus destinos* (1915a/2010), Freud postula que a pulsão sexual experimenta no curso da vida quatro destinos: a reversão no contrário (passagem da atividade à passividade, ou vice-versa), o recalque, o voltar-se contra a própria pessoa e a sublimação. Freud (1915a/2010) explica que na reversão cada polo é transformado no seu oposto, nos pares: voyeurismo – exibicionismo, no sadismo – masoquismo ou na inversão do amor em ódio. Assinala Freud:

A reversão no contrário se divide em dois processos distintos, a conversão da atividade em passividade e a inversão de conteúdo [...] A reversão diz respeito às metas do instinto; substitui-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado. A inversão de conteúdo se encontra apenas no caso da transformação de amor em ódio (Freud, 1915a/2010, p.65).

Para a inversão entre amor e ódio, Freud teoriza que há três oposições: amor - ódio; amar - ser amado e amor e ódio, simultaneamente, opondo-se aos estados de indiferença ou insensibilidade. Quanto ao processo do recalque, Freud (1915) observa que para que ocorra o recalque é necessário uma “nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente” e que “o motivo do desprazer adquira um poder

¹¹ Conforme esclarece Souza (2009, p. 1), na concepção freudiana, o Eu é a instância do aparelho psíquico que “visa impedir a alucinação e a perda de recordações, de registros mnêmicos [ou seja,] que vela pela saúde psíquica do sujeito”.

maior que o prazer da satisfação” (Freud, 1915b/2010, p. 85). Ou seja, na ação do recalque, o desejo emanado das pulsões parciais deverá se manter isolado da consciência (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 519). Por isso, alguns elementos que estavam recalcados irrompem na consciência de forma disfarçada, e por surgirem disfarçados, como enigmas, permanecem sem compreensão para o indivíduo, como se ficassem em um “estágio preliminar da condenação, um meio termo entre a fuga e a condenação, é a repressão” (Freud, 1915b/2010, p. 83). Assim, o recalque seria uma capa de energia que censura o acesso de conteúdos inconscientes ao pré-consciente, mas sem ter um efeito absoluto de impedir que esses conteúdos se tornem conscientes. No texto *Autobiografia* de 1925, Freud declara que:

O Eu como se retrai no primeiro encontro com o impulso instintual repulsivo, barra-lhe o acesso à consciência e à descarga motora direta, mas este conserva seu pleno investimento de energia (Freud, 1925a/2011, p.106).

A outra alternância da pulsão consiste no voltar-se contra a própria pessoa, na qual o essencial, para Freud, é que a mudança é do objeto e não da meta, gerando um tipo de “ambivalência” pulsional (termo denominado por Bleuler). Ou seja, o masoquismo é um sadismo contra si mesmo, e nos casos de exibicionismo, a contemplação de si mesmo se dá através do olhar do voyeurista, a orientação ativa da pulsão permanece junto à nova passiva, “subsistem uma ao lado da outra” (Freud, 1915a/2010, p. 69). Nesse sentido, para a pulsão de olhar (escopofílica) dos opostos voyeurismo-exibicionismo, Freud (1915a/2010) propõe o seguinte esquema: a) O olhar como atividade dirigida a outro objeto; b) O abandono do objeto, a volta da pulsão de olhar para uma parte do próprio corpo; e com isso, a reversão em passividade e a constituição de uma nova meta: ser olhado; c) Introdução de um novo sujeito, a quem o primeiro se mostra para ser olhado. A partir das vicissitudes da pulsão de olhar surgiriam os pares de opostos: alguém olhando para um órgão sexual e um órgão sexual sendo olhado por alguém. A oposição amar e ser amado também corresponderia a um tipo de alternância da atividade para a passividade, ou seja, *amar a si mesmo*, o traço característico do narcisismo (Freud, 1915a/2010, p. 72).

Já a sublimação na teoria freudiana das pulsões subsiste ao longo de toda a obra, segundo Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 640), como “uma das lacunas do pensamento psicanalítico”. Em *Três ensaios* é descrita do ponto de vista de formação

reativa: “desvio das forças pulsionais sexuais dos objetivos sexuais para objetivos novos” (Freud, 1905/2008, p. 161). Em 1914, sobre o narcisismo, Freud propõe que o amor a si mesmo tende a deslocar-se para um ideal que constrói dentro de si, o Eu ideal, pleno de perfeição. Isso significa que não teria havido a renúncia da satisfação desfrutada na infância, projetando para si um ideal como “substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914/2010, p. 40). Dessa forma, Freud (1914) faz uma importante distinção entre o que ocorre na sublimação e na formação do ideal do Eu:

A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual [...] A idealização é possível no âmbito da libido do Eu e no da libido objetal [...] na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao instinto, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente (Freud, 1914/2010, p. 41).

Enquanto que no processo de idealização as exigências sobre o Eu estarão intensificadas favorecendo o recalque, “a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão” (Freud, 1914/2010, p. 41). Ou seja, do ponto de vista do desenvolvimento do Eu, Freud postula que quanto mais o Eu se afasta do narcisismo primário, mais se desloca para a formação de um ideal do Eu. E, pelo fato de o Eu investir libido no objeto, passará por movimentos de empobrecimento e enriquecimento, dependendo das satisfações que poderá obter advinda dos objetos. Disso, Freud supõe que será o mecanismo de formação do ideal do Eu não deixará fácil a satisfação libidinal dos objetos, pois caberá a ele censurar o que for intolerável. Assim, Freud aponta para o processo de formação do ideal do Eu a possibilidade de constituir a perversão: “quando um tal ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade” (Freud, 1914/2010, p.48).

A partir de 1915, Freud considera que a sublimação poderia ocorrer como resultado dos sentimentos de repugnância e vergonha, construídos pelas barreiras aos impulsos da sexualidade infantil, atribuindo à sublimação o papel de formar as barreiras (recalque) contra os impulsos sexuais parciais. Desse ponto de vista, a sublimação não configuraria um caminho patogênico do conflito psíquico como resultado de uma única

tendência que conseguiria impor-se sobre as outras, ou seja, a resistência por um lado e as pulsões sexuais por outro.

Em nota de rodapé acrescentada em 1923 ao texto *Três ensaios*, Freud apresenta a ideia de que alguns traços de caráter se constituem a partir de componentes pulsionais que vão sendo fixados desde a infância por meio da sublimação. Dessa maneira, alguns traços de caráter, por formação reativa¹² resultariam, por exemplo, na obstinação, economia e ordem que ele vincula com o erotismo anal, a ambição associada à intensa disposição para o erotismo uretral, etc. Ou seja, conforme nos esclarece Freud, é na disposição sexual universalmente perversa da infância que é possível “ver-se a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, pela via da formação reativa, dá o impulso para criá-las” (Freud, 1905/2008, p. 218). A esse respeito, Ceccarelli (2005, p. 04) argumenta que “nossas virtudes nada mais são do que formações reativas a nossa disposição perversa” e, nesse sentido, a sublimação também estaria no rol de uma disposição constitucional patogênica.

No texto *O Eu e o Id* de 1923, Freud retoma a ideia de que quando não ocorre a dissolução edípica completa, o investimento de energia advindo do Id voltaria a operar com formação reativa do ideal do Eu. Nesse texto, Freud postula que na passagem de uma atividade sexual para uma atividade sublimada, quando não ocorre a dissolução edípica completa, ocorre a retração da libido objetal para o Eu, mas a custa de manter inacessível uma grande parte do Eu, o ideal: “acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação” (Freud, 1923a/2011, p. 37), Portanto, observamos que a teoria da sublimação, ao longo da obra freudiana, ficou associada a diversos conceitos como inibição quanto à meta, recalque e formação reativa. Desse modo, para melhor compreendermos as ligações conceituais entre perversão e sexualidade infantil tentamos examinar mais de perto algumas de suas facetas.

¹²De acordo com Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 258), a formação reativa é caracterizada pelo “contra-investimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente [podendo manifestar-se] até o ponto de constituírem traços de caráter “.

1.3.4 Algumas características da sexualidade infantil: zonas erógenas e autoerotismo

As zonas erógenas, indicativas de uma organização pré-genital, são a fonte das pulsões parciais, quando ainda não há primazia dos genitais e sim a primazia perverso-polimorfa. Assim, a satisfação da pulsão encontra-se ligada a um órgão ou a uma zona erógena, ou seja, da mesma forma que os órgãos do corpo, todas as atividades das pulsões sexuais infantis também se transformam em fonte de prazer libidinal. Assinala Freud (1905/2008):

Verificamos então que a excitação sexual da criança flui de várias fontes. Sobretudo, produziria satisfação da excitação sensível das chamadas zonas erógenas; parece provável que podem atuar em qualquer lugar da pele e qualquer órgão dos sentidos (Freud, 1905/2008, p. 213).

Para descrever as manifestações sexuais da infância, Freud utiliza o ato de sugar sensual, ou mamar com deleite [*Ludeln* ou *Lutschen*]. Isso pressupõe que no ato de mamar o bebê não almeja só a satisfação das necessidades de nutrição. Essa função sexual apoia-se nas funções vitais e com o tempo torna-se independente. No início da vida, a função sexual se manifestará através de componentes pulsionais localizados em diferentes partes do corpo em busca de prazer. Dessa forma, enquanto os objetos que satisfazem as necessidades das pulsões de autoconservação só existem na realidade exterior, as pulsões sexuais têm acesso à satisfação por meio do próprio corpo e, conseqüentemente, são autoeróticas. Leiamos o que Freud (1905) escreve a respeito:

As excitações oriundas de todas essas fontes ainda não se combinam, cada uma persegue por si própria sua meta, em separado, que não é outra senão o ganho de um determinado prazer. Disso inferimos, portanto, que na infância a pulsão sexual *não está centrada* e é a princípio sem objeto, ou seja, *autoerótica* (Freud, 1905/2008, p. 213; grifos no original).

Com o tempo, a pulsão sexual autoerótica e não centralizada começará a realizar sínteses, se organizar e se manifestar de diferentes formas à medida que, por exemplo, uma criança cresce. A maneira como alguns dos componentes sexuais se encontram configurados é denominada organizações sexuais. Em seus estudos de 1905, Freud teria

notado que desde o início da vida já se verifica a presença de componentes pulsionais sexuais:

Desde o começo, esboços de uma organização dos componentes pulsionais sexuais podem discernir-se na vida sexual infantil. Em uma primeira fase, bastante primitiva, o *erotismo oral* se situa no primeiro plano; uma segunda destas organizações <pré-genitais> se caracteriza pelo predomínio do *sadismo* e do *erotismo anal*; somente em uma terceira fase (que na criança se desenvolve unicamente até o primado do falo) a vida sexual passa a ser comandada pela participação das zonas genitais propriamente ditas (Freud, 1905/2008, p. 213; grifos no original).

Assim, a reação de relaxamento e prazer após comportamentos de sugar, que nas primeiras mamadas só serviam à função de nutrir (pulsão de autoconservação), transformam a zona labial na primeira zona erógena (pulsão parcial) do ser humano. Mais tarde, com o nascimento dos dentes, teria início a fase oral canibalística, caracterizada por comportamentos agressivos observados na criança, a fase sádico-oral. Esse primeiro estágio, sob o domínio dos componentes orais, é denominado fase oral.

Outra zona erógena importante localiza-se na região do orifício anal, podendo provocar, por exemplo, prazer na defecação ou distúrbios intestinais. Nesse estágio de organização pulsional, as fezes passam a ter significado para a criança, podendo representar tanto um presente como uma agressão ao ambiente externo. O controle esfinteriano, a retenção das fezes e os rituais escatológicos de alguns adultos servem como exemplo para representar essas primeiras experiências de prazer na região do ânus. Essa fase, denominada sádico-anal, é caracterizada por duas correntes: ativa e passiva, e pela mucosa do intestino como órgão erógeno da meta sexual.

Em nota acrescentada em 1923 aos *Três ensaios* de 1905, Freud propõe a existência de uma fase intermediária anterior à puberdade, ou seja, antes do advento da sexualidade genital propriamente dita, a fase da primazia fálica, que também é genital, mas apenas de um genital, o órgão sexual masculino, ou seja, ainda não há o contraste entre os sexos. Essa etapa sexual é denominada fase fálica¹³. Enuncia Freud (1923b):

O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis, o feminino assume o objeto e a passividade. A vagina é então estimada

¹³ Devido à importância de se conhecer melhor as características desse período da vida para esta dissertação, sua discussão está reservada para os capítulos subsequentes.

como abrigo do pênis, torna-se herdeira do ventre materno (Freud, 1923b/2011, p. 175).

Na fase fálica, a oposição se daria entre o genital masculino ou castrado e somente com o advento da puberdade ocorreria a polaridade masculino e feminino, pulsionalmente direcionada para o coito e a procriação. Os cuidados com a higiene dos órgãos genitais da criança realizada pelos adultos, por excitação acidental dessas zonas erógenas, no advento da puberdade, conduzirão à genitalidade, alcançando sua primazia com a função de procriação. A respeito da finalidade de procriação própria da organização genital, Freud (1925a/2011) apresenta a ideia de que:

Durante esse desenvolvimento, várias partes dos instintos são descartadas ou dirigidas para outras aplicações, por serem inúteis para essa finalidade última, e outras são desviadas de suas metas e conduzidas à organização genital (Freud, 1925a/2011, p. 115).

Dessa forma, no processo do desenvolvimento dito normal da sexualidade em busca de sua afirmação a partir da puberdade observamos as seguintes características: o pênis como novo objetivo sexual, o desejo de penetração em alguma cavidade do corpo e o desejo de encontrar um objeto. Freud atesta que a partir da puberdade o interesse sexual estará em um modelo ideal, direcionado para um único objeto e que esse objeto de amor adulto seria do tipo anaclítico. Vale acentuar que no modelo anaclítico, quando o indivíduo sai em busca de um objeto de amor, o encontro desse objeto não se trataria exatamente do encontro de um novo objeto, pois os caminhos que levam ao objeto passível de ser amado são desvios feitos em relação ao objeto de amor original, a mãe. De acordo com Freud (1905/2008):

Quando a primeiríssima satisfação sexual estava, todavia conectada com a nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, o peito materno. O perdeu somente mais tarde, bem na época, talvez, em que a criança pode formar a representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe fornecia satisfação [...] Há, portanto, não sem fundamento o fato da criança mamar o peito da mãe se tenha tornado paradigmático para todo vínculo de amor. A descoberta {encontro} de objeto é propriamente um reencontro (Freud, 1905/2008, p. 202-203; grifo no original).

Em outras palavras, embora seja um objeto diferente do objeto de amor infantil, devido à proibição do incesto, não se trata de um objeto realmente novo, daí a ideia de que o encontro do objeto na puberdade é, na verdade, um reencontro.

Na *21ª Conferência*, Freud acrescenta aos seus postulados sobre a escolha de objeto outro que será de relevância absoluta na construção da sua teoria. Ele enuncia: “a primeira escolha objetal de um ser humano é regularmente incestuosa” (Freud, 1916a/2008, p. 391), tornando-se esse o motivo que conduziria as escolhas de objeto na puberdade, escolhas disfarçadas do objeto original. Para Freud, o encontro de um objeto sexual na puberdade e as mudanças pulsionais até então autoeróticas agora caminham em direção à unificação das pulsões parciais que ficarão subordinadas à primazia dos genitais.

Nessa nova etapa, tanto os homens como as mulheres, em um modelo ideal de evolução sexual, passarão a desempenhar funções sexuais distintas junto com significativas mudanças físicas, como, por exemplo, o “crescimento manifesto dos órgãos sexuais externos” (Freud, 1905/2008, p. 190). A partir de então, a meta sexual, também em um plano ideal, consistirá na consecução do prazer por meio da descarga dos produtos sexuais voltados para a procriação. Assim, nessa etapa da vida, será necessário e fundamental que o indivíduo também se afaste dos seus primeiros objetos de amor, seus pais, para ingressar na cultura e na sociedade. Em seus postulados proferidos na *21ª Conferência*, Freud (1916a/2008) considera que:

Somente assim a criança pode deixar de ser criança para transformar-se em membro da comunidade social. Para o filho, a tarefa consiste em se desligar da mãe dos seus desejos libidinosos para empregá-los na escolha de amor externo, real, e em reconciliar-se com o pai se permaneceu em oposição hostil a este ou como reação frente à subserviência infantil libertar-se da pressão deste (Freud, 1916a/2008, p. 307).

Ao longo de certas etapas evolutivas, as fantasias incestuosas seriam superadas e repudiadas devido às ameaças de castração, ocorrendo posteriormente o desligamento da autoridade dos pais, impelindo o indivíduo na busca de objetos sexuais afastados das figuras parentais. Nesse sentido, para o menino, a busca de um novo objeto também apontaria para a preservação de seu pênis em detrimento do amor narcísico primário. Em outras palavras, a sexualidade, no plano ideal, atingiria sua forma definitiva na primazia dos genitais.

1.3.5 O prazer nas zonas erógenas, o prazer genital e fixação no pré-prazer

Em consonância com as assertivas de Freud sobre a sexualidade humana, a libido que na infância é predominantemente autoerótica e não centralizada, na puberdade estará, em um plano ideal de desenvolvimento sexual, a serviço da função reprodutora, sob o domínio da libido de objeto. Dessa forma, à medida que as pulsões parciais estiverem submetidas à genitalidade adulta, pressupõe-se que haveria uma diferença entre o prazer previamente advindo das zonas erógenas e o prazer final, decorrente da descarga das substâncias sexuais do órgão. Ou seja, segundo Freud (1905), o prazer nas zonas erógenas é designado como pré-prazer e o prazer genital é ligado propriamente ao prazer final:

O primeiro pode ser adequadamente descrito como *pré-prazer* por oposição ao *prazer final* ou prazer de satisfação da atividade sexual. O pré-prazer é, então, o mesmo que a pulsão sexual infantil poderia oferecer, ainda que em escala reduzida; o prazer final é novo, e, portanto provavelmente depende de condições que só se instalam com a puberdade (Freud, 1905/2008, p. 192; grifos no original).

Nesse âmbito, segundo Freud, esses processos que antecedem o coito e constituem o pré-prazer, como o prazer oral proporcionado pelo beijo, o prazer tátil proporcionado pelo toque da pele, etc., podem se tornar prejudiciais para o indivíduo, pois ao mesmo tempo em que são constituintes da sexualidade normal, se estes se sobrepuserem ao prazer genital final podem levar a mecanismos perversos na vida adulta. Segundo Freud (1905/2008):

Este perigo se apresenta quando, em algum ponto dos processos sexuais preparatórios, o pré-prazer demonstra ser demasiado grande, e sua contribuição à tensão, demasiado escassa. Falta então a força pulsional para que esse processo siga adiante; todo o caminho se abrevia, e a ação preparatória correspondente toma o lugar da meta sexual normal. A experiência nos diz que este prejuízo tem por condição que a respectiva zona erógena, ou a correspondente pulsão parcial, já tenha contribuído a um ganho de prazer numa medida inabitual lá na vida infantil. E, se, todavia junto a esses fatores entra em jogo a fixação, facilmente se engendra uma compulsão na vida ulterior, em que este determinado pré-prazer se integra numa nova trama. É desta classe, com efeito, o mecanismo de muitas perversões, que consistem em uma demora em atos preparatórios do processo sexual (Freud, 1905/2008, p. 193).

Dessa forma, os processos sexuais normais do adulto podem ser perturbados se os componentes sexuais que predominavam na infância, como os orais e anais, persistirem em sua dominação mesmo após o advento da sexualidade genital propriamente dita. A esse fenômeno, caracterizado pela permanência e manifestação intensa em fases posteriores da evolução libidinal, de componentes próprios de fases infantis, Freud denomina fixação. É a partir desse tipo de concepção que Freud aborda a perversão. Leiamos na íntegra, no texto *A Questão da Análise Leiga*, o que Freud escreve em 1926:

A vida sexual da criança, naturalmente é diferente da do adulto. A função sexual, desde os primórdios até sua conformação última, que nos é familiar, resulta num complexo desenvolvimento. Constrói-se e cresce a partir de numerosas pulsões parciais, com suas metas particulares, e atravessa por várias fases até que por fim se põe a serviço da reprodução. Entre as pulsões parciais, nem todas são utilizáveis por igual; têm que ser desviadas, remodeladas, em parte sufocadas. Um desenvolvimento tão vasto nem sempre se cumpre sem contratempos: sobrevêm inibições do desenvolvimento, fixações parciais a fases evolutivas anteriores. E toda vez que mais tarde o exercício da função sexual tropeçar com obstáculos, o anseio sexual – a libido, como denominamos, volta preferencialmente a esses lugares mais antigos de fixação. O estado da sexualidade infantil e suas transformações até chegar à maturidade nos tem proporcionado a chave para entender as chamadas *perversões sexuais* (Freud, 1926/2008, p. 197; grifo no original).

Portanto, embora como hipótese geral, a fixação valha igualmente para perturbações, assim como as neuroses, observamos na citação de Freud que ele relaciona de forma direta a fixação em atividades do pré-prazer à perversão. É importante frisar que Freud recorre ao conceito de pulsões parciais e de pré-prazer tanto para explicar a vida sexual normal como a perversão, por se apresentarem ambas de forma parcial, múltipla e autônoma na busca de satisfação.

Dada a importância da fixação para a compreensão da hipótese que procuramos desenvolver nesta dissertação, convém acrescentar outros esclarecimentos. Assim, citamos a definição de Laplanche e Pontalis do termo fixação na teoria freudiana:

A fixação é ligada à teoria da libido e define-se pela persistência, particularmente manifesta nas perversões, de características anacrônicas da sexualidade: o indivíduo exerce certos tipos de atividade, ou então permanece ligado a algumas características do

objeto cuja origem se pode encontrar em determinado momento da vida sexual infantil (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 252).

Em outras palavras, os componentes sexuais infantis que constituem a sexualidade humana serão os mesmos que integram a patogenia da perversão do adulto, com a diferença de que, no caso da perversão, a intensidade das pulsões nas fases preliminares do pré-prazer prevalecerá sobre qualquer objeto capaz de exercer a atração sexual.

Desse modo, para fundamentar a teoria da sexualidade, Freud elege o conceito de pulsão associado à perversão como disposição sexual infantil inerente ao funcionamento psíquico. Postula na primeira Tópica a oposição entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais, correspondente à dualidade pulsional, instaurando um corpo infantil pulsional, ou seja, um ser humano com desejos sexuais desde o início da vida. O corpo pulsional estaria organizado por zonas erógenas ao longo do desenvolvimento sexual, as quais ficariam designadas por fases. Portanto, compreendemos que para Freud, no processo evolutivo da sexualidade, as pulsões parciais estariam reunidas primeiramente sob o domínio dos componentes pulsionais orais e anais, tendo como característica principal a oposição pulsional entre ativo e passivo. Nesse sentido, os mecanismos que conduziriam à perversão baseiam-se em uma fixação de componentes sexuais próprios de fases infantis. Veremos no capítulo seguinte que tais componentes basilares para se compreender a perversão manifestam-se em seu ápice durante a fase fálica.

CAPÍTULO II

A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL (FÁLICA) E A CRENÇA NA
UNIVERSALIDADE DO PÊNIS

Neste capítulo, buscamos examinar algumas das características da organização genital fálica a fim de explorar com algum detalhe o que Freud denominou teorias sexuais infantis, principalmente a crença infantil na universalidade do pênis. Nesse sentido, primeiramente discutimos sobre o estado narcísico da libido investida no Eu, intensificada em torno do pênis na fase fálica. Depois, avançamos a discussão sobre o tema do complexo de Édipo, as angústias de castração e a saída edípica normal, quando a criança abriria mão de suas crenças e do objeto incestuoso diante do conflito que se instala entre o desejo e a proibição. Por fim, analisamos as teorias sexuais infantis vinculadas à crença na universalidade do pênis.

Como vimos em *Três ensaios* (1905/2008) são apresentados os postulados de que a sexualidade infantil constitui-se como organizações pré-genitais, caracterizadas como autoeróticas, centradas em certas zonas erógenas e sem objeto específico. Dessa maneira, não haveria sexualidade genital no período da infância; em contrapartida, a sexualidade adulta é genital e capaz de reprodução. Vimos também que em 1923, quando Freud escreve o texto *A organização genital infantil* e utiliza o termo *organização genital fálica*, propala que durante a sexualidade infantil já haveria uma fase em que a única forma de satisfação giraria em torno dos órgãos genitais da criança, o prazer masculino do pênis. Essa descoberta, considerada por Freud surpreendente, o levou à comprovação de que desde o início da vida sexual infantil (dos dois até os cinco anos) já se dá a escolha de objeto (Freud, 1905/2008). Mais tarde, na 32ª conferência de 1933, Freud retoma a questão da fase genital infantil, interpolada após as fases pré-genitais, oral e sádico anal:

A fase fálica aparece em terceiro lugar, em ambos os sexos, o membro viril e seu correspondente na menina adquirem significado que não

pode mais ser negligenciada. Reservamos o nome de *fase genital* para a organização sexual definitiva que se estabelece após a puberdade e na qual o órgão genital feminino, pela primeira vez encontra o reconhecimento que o órgão masculino havia adquirido muito tempo antes (Freud, 1933/2008, p. 91; grifos no original).

Portanto, ainda sob a égide das pulsões parciais, a sexualidade infantil já apresentaria, por meio de suas pulsões componentes, a existência de uma escolha objetual, à qual podem manter-se ligadas ao longo do desenvolvimento. Assim, para uma das pulsões vinculadas às zonas erógenas, como a zona oral, por exemplo, o primeiro objeto seria o seio da mãe, que, ligado ao prazer de sucção, tornar-se-ia independente do objeto externo, o qual seria substituído por uma área do corpo. Para Freud (1916a/2008), mais ou menos nessa época da vida, a da fase fálica, a excitação dos genitais se intensificaria por atividades masturbatórias realizadas pela criança em busca de satisfação. Porém, já em 1905, Freud apontava para o fato de que atividades masturbatórias na infância, associadas a outros fatores poderiam interferir no desenvolvimento da sexualidade:

Não podemos precisar a quantidade de práticas sexuais que podem ocorrer na infância sem serem descritas como anormais ou se virão a prejudicar o desenvolvimento ulterior. Verificou-se que a natureza dessas manifestações sexuais se revelaram predominantemente masturbatórias. A experiência mostrou ainda que as influências externas como a sedução podem provocar intrusões prematuras no período de latência [...] e que em tais casos, a pulsão sexual da criança se acredita de fato perversa polimorfa (Freud, 1905/2008, p.214).

Na 21^a conferência proferida em 1916¹⁴, Freud volta a afirmar que não há como negar que da mesma forma que na vida sexual infantil, inúmeros componentes sexuais atingem sua finalidade prazerosa, independentes uns dos outros. E, de modo análogo também nas perversões, “visa-se, afinal de contas, a um orgasmo genital, ainda que a este se chegue por outro método que não o da união dos genitais” (Freud, 1916a/2008, p. 295). Conforme a conferência, esse processo teria dois objetivos: “O abandono do autoerotismo, logo, a substituição do corpo da própria criança por um objeto externo; e

¹⁴ Nesse momento da teoria (1916a/2008), a suposição de Freud era a de que a organização sádico-anal antecedia de imediato a fase da primazia dos genitais da vida sexual adulta, a qual será modificada em 1923, no texto *Organização genital infantil* e incluída nos acréscimos dos *Três ensaios* em 1924. Portanto Freud denomina fase fálica para esta organização genital infantil.

em segundo lugar, a unificação das diversas pulsões separadas e sua substituição por um único objeto” (Freud, 1916a/2008, p. 298). Esse conceito de objeto único e unificado em um corpo total, tema central do texto *Introdução ao narcisismo* de 1914, será, conforme Freud (1916a), algo análogo ao primeiro objeto da pulsão oral, o seio da mãe, ou seja, a mãe, como objeto de amor, estará sempre associada às experiências edípicas. Nesse sentido, com o advento do complexo de Édipo, o objeto privilegiado da ligação pulsional teria na figura total da mãe, o substituto do primeiro objeto pulsional de prazer oral, o seio. Sendo a mãe um objeto de desejo incestuoso, o complexo de Édipo é considerado uma fonte de onde proviria grande parte das motivações morais humanas. Escreve Freud:

O complexo de Édipo pode ser considerado uma das mais importantes fontes da consciência de culpa [...] em um estudo sobre o início da religião e da moralidade humanas, que publiquei em 1913 sob o título de Totem e Tabu, apresentei a hipótese de que a humanidade como um todo pode ter adquirido no complexo de Édipo a consciência de culpa, como fonte última da religião e da moralidade (Freud, 1916a/2008, p. 302).

Nesse sentido, Freud propõe que durante a infância a sexualidade começaria seus preparativos em direção à primazia dos genitais, ainda sob o império dos componentes pulsionais pré-genitais sádicos e anais, os quais seguem acompanhados com muito ímpeto [*Drang*] pelas pulsões de olhar (escopofílica) e de adquirir conhecimento (pulsão epistemofílica). Dessa forma, ao enfatizar o que haveria de comum entre a sexualidade dita normal e a perversa, isto é, que ambas surgiram da sexualidade infantil, Freud introduz a ideia de que “os fins sexuais, nesse período da vida, estão intimamente relacionados com as investigações sexuais que a criança por essa época empreende” (Freud, 1916a/2008, p. 297). A partir de estudos sobre a vida psíquica dos povos primitivos, Freud a identificou a presença de “uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo” (Freud, 1914/2010, p. 17), que o levou à suposição de que na criança pudesse ocorrer um processo muito semelhante ao do homem primitivo, ou seja, a onipotência narcísica no psiquismo infantil.

2.1 O investimento narcísico do Eu e a organização genital

Laplanche e Pontalis asseveram que o termo narcisismo contém diferentes acepções, sendo difícil sua conceitualização. Por exemplo, no sentido pulsional, quando ocorre a permanência de um investimento libidinal no Eu, já não se está tratando mais de uma fase do desenvolvimento. Na perspectiva da primeira tópica, o narcisismo do início da vida se definia como total investimento da criança sobre si mesma, uma fase do desenvolvimento denominado narcisismo primário, conforme nos esclarecem os autores acima citados:

Em Freud, o narcisismo primário designa de um modo geral o primeiro narcisismo, o da criança que se toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores. Esse estado corresponderia à crença da criança na onipotência de seus pensamentos (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 369).

Já no *Caso Schreber*, de 1911, Freud acentua que em certo momento do desenvolvimento, as pulsões sexuais que se caracterizam por atividades autoeróticas se reúnem para investir em um objeto de amor, o amor por si mesmo, constituindo-se em uma fase ou estágio do desenvolvimento entre o autoerotismo e o amor objetal, momento em que o próprio Eu, investido de libido, é tomado como objeto de amor¹⁵. Portanto, se em 1905 Freud pontuava que no início da vida as pulsões autoeróticas são primordiais, ainda não existindo uma instância psíquica que se comparasse ao Eu, no caso analisado por ele em 1911 é introduzida a ideia de que a partir de um determinado período da vida o investimento pulsional se concentra no próprio corpo.

Assim, nos postulados de Freud há variações sobre a constituição do narcisismo conduzirão ao que fica denominado narcisismo secundário no texto *Introdução ao Narcisismo* de 1914. Conforme esclarecem Laplanche e Pontalis (1927/1985):

A expressão “narcisismo secundário” [...] designa certos estados extremos de regressão [e] é também uma estrutura permanente do

¹⁵ Puertas (2010, p. 22) descreve que “a elaboração teórica da psicanálise no período de 1914 estava pautada na Primeira Tópica, na qual não havia alcançado ainda um grau de detalhamento como o apresentado em 1923, na Segunda Tópica, em que (Freud) concebe uma instância psíquica específica denominada eu, o que nos permite inferir que o eu do qual Freud está tratando no texto *Introdução do Narcisismo*, seria um todo indiferenciado, ou ainda, um todo psíquico fragmentado (pois a nova aquisição psíquica que caracteriza a etapa do narcisismo implicaria numa espécie de unificação do eu)”.

indivíduo: a) No plano econômico, os investimentos de objeto não suprimem os investimentos do ego, antes existe uma verdadeira balança energética entre essas espécies de investimento b) No plano tópico, o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 369).

Os novos postulados sobre o Eu e o objeto denotam que importantes descobertas ocorrem no interior da psicanálise, pois se até então as pulsões de autoconservação eram identificadas com as pulsões do Eu em oposição às pulsões sexuais, agora as pulsões sexuais podem utilizar a energia libidinal investida nos objetos para voltá-las ao próprio Eu. Dessa forma, no texto de 1914, Freud apresenta o narcisismo designando uma espécie de amalgamação entre o que é essencial na pulsão, o elemento pressionante [*Drang*], e seu objeto, ou seja, ele mesmo, o próprio Eu, tornando-se um objeto de amor. No narcisismo, a libido investida no Eu, servindo de apoio às pulsões sexuais, apontaria sua unificação. Sendo assim, no narcisismo, o Eu investido de energia libidinal poderia direcionar a escolha objetal para o objeto de amor, ou de apoio a partir do modelo da mãe, aquela que o nutriu, tornando-se seu primeiro objeto sexual¹⁶.
Afirma Freud (1914/2010):

Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem o substitui (Freud, 1914/2010, p. 32).

Sendo assim, conforme os postulados de Freud (1914), o narcisismo poderia ser estudado a partir da vida amorosa dos indivíduos. No amor objetal completo, cujo modelo poderia ser o do vínculo entre o bebê e a mãe, esta última, atuando como presença que garante a manutenção da vida, torna-se aquela sobre quem a criança destinará seus investimentos libidinais. Denominada ‘escolha anaclítica’, é considerada

¹⁶ Freud faz diferentes usos ao termo ‘objeto’ mas, conforme Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 409), todos estão vinculados à pulsão, assim, objeto sexual refere-se à pessoa que exerce atração sexual, mas não em seu funcionamento puro como noção de objeto. Nesta última, a noção “designa igualmente aquilo que para o indivíduo é objeto de atração, objeto de amor”. Em *Três ensaios* (1905), “a pulsão define-se na criança como *parcial* (prazer de órgão) [...] só na puberdade intervém uma *escolha de objeto*”. Porém, entre 1905 e 1924, muito foi alterado na oposição entre o autoerotismo da infância e a escolha de objeto da puberdade na teoria de Freud. Ao longo do período acima referido, principalmente a partir de 1917, “somos levados a separar um objeto propriamente pulsional e um objeto de amor [...] o primeiro define-se essencialmente como suscetível de proporcionar a satisfação à pulsão em causa [...] quanto à relação com o objeto de amor, essa faz intervir, tal como o ódio, outro par de termos [...] são essencialmente pessoas totais” (p. 410).

por Freud como mais característica de escolha masculina. Tratar-se-ia de uma valorização sexual excessiva do objeto que possivelmente “deriva do narcisismo original da criança, e que corresponde assim a uma transposição do mesmo para o objeto sexual” (Freud, 1914/2010. p. 33).

Já na escolha narcísica, a energia sexual que será desinvestida de objetos externos retornará investida no Eu mantendo uma conexão entre o amor objetal e o narcísico. Nesse modelo, as pulsões apontariam para um tipo de escolha de amor por si mesmo, que já vivido anteriormente na fase autoerótica dirige-se agora para esse Eu idealizado e perfeito: “o que se é o que se foi ou o que se queria ser” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 411). Assim, em 1914, Freud descreve a escolha amorosa anaclítica como aquela em que a mulher será vista como nutriz ou o homem como protetor. Por outro lado, quando a própria pessoa é tomada como seu objeto de amor, será o tipo narcísico de escolha de objeto. No tipo narcísico de escolha encontram-se as seguintes alternativas: o que ela mesma é (a si mesma), o que ela mesma foi, o que ela mesma gostaria de ser ou a pessoa que foi parte dela mesma. O tipo narcísico de objeto é considerado por Freud o resultado de perturbações ocorridas no percurso do desenvolvimento da sexualidade infantil, que possivelmente impediram a passagem da libido do Eu para a libido objetal.

No *Caso Schreber*, Freud (1911) já postulava que em muitos casos as pessoas permanecem por tempo excessivo no estado narcísico, transportando as características desse estado do Eu para etapas posteriores do desenvolvimento. Dessa forma, se no início do desenvolvimento as pulsões sexuais estavam dirigidas para atividades autoeróticas em busca de um objeto, este passa a ser o próprio corpo, até a escolha vir a ser um objeto externo. Essas questões são importantes para esta dissertação porque, segundo Freud (1911/2008), durante a passagem pelos processos narcísicos o pênis poderá tornar-se ele próprio objeto de amor, consoante com a teoria sexual infantil de que um só órgão genital ocuparia o centro de interesse de ambos os sexos. A essas postulações, em 1923, no texto *A organização genital infantil*, Freud introduz a ideia de que “o interesse da criança nos genitais e sua atividade adquirem uma significação preponderante” (Freud, 1923b/2011, p. 171), mesmo não tendo acontecido ainda unificação total das pulsões parciais. Pelo fato de ser facilmente excitável e sensível o que se observa na prática da masturbação infantil, o pênis tende a ocupar o centro de sua atenção. A partir desse tipo de constatação, Freud chega a postular que nessa época da vida de uma criança a crença seria a de que todos têm pênis. Desse modo, a

aproximação da vida sexual infantil à dos adultos vai além da questão da escolha de objeto.

Assim, se no estágio pré-genital da fase sádico-anal havia uma polaridade sexual, com a oposição ativo e passivo, na fase fálica “a oposição será: *genital masculino ou castrado*” (Freud, 1923b/2011, p. 175; grifos no original), e somente na puberdade chegaria a ser masculino e feminino. Destarte, Freud alerta que apesar de o menino constatar a ausência do pênis ao visualizar o órgão genital feminino, não será de imediato que estenderá a todas as pessoas do sexo feminino essa descoberta. Em suas teorias sexuais, em um primeiro momento a criança tenderia a acreditar que apenas as mulheres indignas teriam perdido o pênis, o que não se estende à sua mãe (Freud, 1923a/2011). A criança, até então, ainda não faz a conexão entre mulher e ausência de pênis. Esse nexos só ocorre quando ela for despertada para as questões relativas à origem e nascimento dos bebês e quando descobre que só as mulheres é que podem gerar filhos. Somente então sua mãe passaria a ser incluída entre aquelas que perderam o pênis. Conforme Freud (1923b), ao se deparar com mais essa descoberta, a criança passa a elaborar intrincadas investigações na tentativa de dar novas explicações para a ausência do pênis.

Laplanche e Pontalis (1967/1985) argumentam que o pênis, na teoria freudiana, não deve ser compreendido apenas como uma realidade concreta. É também, na teoria da castração, um símbolo, e sua presença ou ausência é um problema tanto de processos intra como intersubjetivos, com um valor de símbolo. Ainda citando Laplanche e Pontalis, o pênis/falo não teria nenhuma atribuição alegórica, nem se reduz a uma simbolização do órgão masculino. “Freud assinalou na sua teoria do simbolismo que ele era um dos simbolizados mais universais” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 227). Diante do exposto, podemos enunciar que o pênis/falo é o que centraliza a potência narcísica sobre a qual se configura a organização genital infantil fálica. E por causa do poderoso valor simbólico atribuído ao pênis, desde os primórdios da vida humana se justifica a crença na universalidade do pênis, ou seja, na teoria infantil de que todos têm pênis.

Com o advento do primado fálico, contemporâneo ao complexo de Édipo, tanto o menino como a menina passam pela dificuldade de aceitar a diferença entre os sexos e a sexualidade de ambos passa a admitir apenas um órgão sexual, o masculino. Monzani (1989, p. 37) entende que a fase fálica é o “apogeu do processo” que tem seu início nos

primeiros tempos da sexualidade infantil, ou seja, é na fase fálica que as barreiras morais começam a ser construídas:

Bloqueios que funcionam como interdições onde a sexualidade vai se centrando progressivamente. Restrições que dirigem e orientam a excitação sexual (repugnância, vergonha) e a focalizam de forma preferencial. Eis a essência do processo (Monzani, 1989, p. 37).

É nesse sentido que se poderia tratar de uma organização genital fálica. É também nesse sentido que, conforme atesta Freud (1908), para o ser humano, desde a infância, o órgão sexual masculino é o principal objeto sexual autoerótico, e que por essa razão o pênis goza de grande consideração, que “se reflete na incapacidade para representar-se sem esse ingrediente essencial” (Freud, 1908/2008, p. 192). Dessa maneira, vemos que a organização genital fálica e a descoberta do órgão genital masculino estariam na origem dos processos de investimento libidinal que levariam à configuração do que Freud denominou complexo de Édipo, no qual a mãe tornar-se-ia objeto de amor por parte da criança. Como se trata de uma situação complexa, marcada pelo conflito entre desejo e proibição, central para o entendimento do caráter fálico da perversão, passaremos à sua discussão.

2.2 O complexo de Édipo, a angústia de castração e o desenlace da situação edípica

Como vimos no capítulo I, Freud considera que a vida do bebê está pautada por total dependência de cuidados realizados pela mãe ou por quem a substitui durante seu desenvolvimento. Esses cuidados, que têm a finalidade de nutrir e cuidar do bebê, se tornam atividades que provocam agradáveis sensações no seu corpo. Com a repetição da satisfação ligada à pulsão de autoconservação, a mãe ou seu substituto tornam-se um registro privilegiado no psiquismo do bebê, em consonância com Freud (1910[1909]):

A primitiva escolha de objeto feita pela criança e dependente de sua necessidade de amparo [...] dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos (Freud, 1909/1970, p. 43).

Assim, a mãe torna-se também a primeira escolha amorosa da criança, constituindo-se em uma fonte que suscita nela excitações sexuais durante toda a infância. Ao lado dela, haveria também o amor pelo pai. Portanto, seria natural o fato da escolha objetual da criança recair sobre essas figuras, em particular sobre a mãe. Com a intensificação progressiva dos impulsos libidinais, a criança passaria a manifestar seu desejo de forma cada vez mais ostensiva. No caso do menino, as satisfações almejadas em suas investidas na direção de seu objeto de amor tenderiam a acabar invariavelmente frustradas, pois ele passaria a ver a presença do pai como um impedimento ao seu acesso à mãe. Essa interpolação do pai o transformaria em um rival para o filho, com quem este passaria a disputar a atenção e o amor da mãe. Assim, ao lado da intensificação do erotismo direcionado à mãe, despertar-se-ia e intensificar-se-ia igualmente o ódio e o desejo parricida pelo pai.

No entanto, obstáculos seriam interpostos não apenas contra o desejo parricida, mas principalmente o desejo erótico da criança deparar-se-ia com barreiras constituídas pelas ameaças de castração por parte dos pais. Em outras palavras, instaura-se na criança um conflito entre sentimentos complexos, sustentados pela intensificação dos investimentos libidinais à mãe, por um lado, e pelas ameaças de castração, por outro. Essa situação configura o que Freud denominou complexo de Édipo.

Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 116) definem o complexo de Édipo como um “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta relativamente aos pais”, o qual permite duas possibilidades de satisfação, uma ativa, vinculada à masculinidade, e outra passiva, relacionada à feminilidade. O complexo de Édipo pode, portanto, ser descrito na sua forma dita completa¹⁷, em que tanto o desejo como a rivalidade incide sobre ambos os pais. No entanto, dado que a consideração do Édipo completo, além de impor dificuldades ao desenvolvimento da hipótese deste trabalho, produziria uma dispersão da discussão por temas que ultrapassam os objetivos desta dissertação, inspiramo-nos no exemplo do próprio Freud (1923a/2011) e limitamos nossa discussão ao Édipo simplificado. Também acompanhando Freud (1923a/2011), embora o caso do Édipo na menina possa ser mencionado, procuramos pautar a discussão especificamente com base no caso no menino.

¹⁷ A forma completa do Complexo de Édipo, de acordo com Mezan (2011), pode ser estudada no texto *Homem dos lobos* e também no *Caso Schreber* (1911). Nesta, o complexo de Édipo do menino se constitui como uma atitude ambivalente em relação à mãe, de desejar a mãe e de ter sentimentos ternos também pelo pai que, por conseguinte, se traduz em ciúmes da mãe. A menina, que viu em sua mãe seu primeiro objeto de desejo, mais tarde verá na mãe uma rival em disputa pelo amor do pai. Assim, o desenvolvimento da sexualidade ocorre de modo diferente no menino e na menina.

As fortes frustrações do menino para realizar seu desejo de tomar o lugar do pai junto à mãe o levariam a ver no pai o detentor de um poder muito maior que o dele, um obstáculo impossível de ser vencido. Associado a isso, eventos como a descoberta de que as mulheres não têm pênis e as ameaças de castração frente à masturbação tenderiam a despertar no menino o temor de que ele próprio pode vir a perder o pênis. A esse respeito, Freud (1908/2008) entende que:

O menino, governado principalmente pela excitação do pênis costuma obter prazer estimulando esse órgão com a mão; seus pais ou as pessoas encarregadas de sua guarda o surpreendem nesse ato e o aterrorizam com a ameaça de que lhe seria cortado o membro. O efeito dessa ‘ameaça de castração’ é proporcional ao valor conferido a esta parte do corpo, ou seja, de modo superlativo e extraordinariamente profundo e duradouro (Freud, 1908/2008, p. 193).

Portanto, no caso do menino, a situação edípica seria basicamente marcada pelo conflito entre os desejos incestuosos dirigidos à mãe e o medo da castração como forma de punição. A intensificação da angústia desencadearia a dissolução do complexo edípico, submetendo-se o menino à proibição contra o desejo incestuoso. Em outras palavras, do conflito entre o medo da castração e o desejo pela mãe, corroborando Freud (1924c/2011, p. 208), “vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo” e a fase fálica sucumbe.

A primeira vez que Freud descreve o complexo de castração é no texto de 1909 sobre o *Pequeno Hans*. Nesse texto, esse complexo está vinculado à teoria sexual infantil da crença na universalidade do pênis e ao valor narcísico a ele atribuído: “só pela castração pode explicar a diferença anatômica dos sexos” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 111). Em sua associação com o narcisismo, é importante ressaltar que sendo o pênis uma parte essencial da imagem que a criança tem de si, como imagem egóica, a ameaça de castração a atinge radicalmente, diminuindo a força do valor atribuído ao pênis (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 112). Mas segundo os autores, somente em sua vinculação com o complexo de Édipo Freud considera que esse conceito atinge sua importância máxima, em se tratando de desenvolvimento sexual infantil para ambos os sexos, ficando então vinculado à fase fálica. E no tocante ao complexo de Édipo, o complexo de castração teria para cada sexo uma configuração diferenciada:

Em relação ao complexo de Édipo, o complexo de castração situa-se diferentemente para os dois sexos: abre para a menina a busca que a leva a desejar o pênis paterno, e constitui, pois o momento de entrada no Édipo; no rapaz, marca pelo contrário a crise terminal do Édipo, vindo interdizer à criança o objeto materno (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 112).

Sob a ameaça da perda do próprio pênis, o menino tende a desistir do seu amor pela mãe, renunciando a ele quando se dá a interdição do incesto. Vale destacar, no entanto, que a principal razão para a dissolução edípica teria a ver com a descoberta da ausência do pênis na mulher, ou seja, a castração. Isso serviria tanto para o complexo masculino como para o feminino. Se o menino persistir no desejo de manter relações sexuais com a mãe, o risco é a castração de seu próprio pênis. Por sua vez, na menina, no início, o clitóris é compreendido como um “pequeno pênis”, que posteriormente ao ser comparado com o do menino levaria a menina a sentir-se como que injustiçada que levaria a ideia de uma inferioridade como fundamento da feminilidade. Tal crença seria vivenciada por ambos os sexos como algo aversivo. Em outras palavras, a menina não entenderia a razão da ausência do pênis como parte de sua constituição sexual, isso porque a crença era a de que todos eram portadores de pênis. Dito de outro modo, em conformidade com as teorias sexuais infantis, ela teria acreditado que possuía um pênis como o do menino e todos os demais seres humanos, e, no entanto o teria perdido por castração. Dessa maneira, a menina tenderia a aceitar a castração como um fato já consumado, diversamente do menino, que a temeria.

Diferentemente de uma visão simétrica que predominaria no início de sua teorização, conforme os postulados nos textos mais tardios, Freud considera que o complexo de Édipo e o de castração apresentariam direções inversas nas meninas em relação a esse mesmo processo nos meninos. Escreve ele, no texto *A tarefa Prática, uma mostra do trabalho analítico* em 1940b[1938]/2008:

Nos indivíduos do sexo masculino, como vimos, a ameaça de castração dá fim ao complexo de Édipo; nas mulheres, descobrimos que, ao contrário, ela é impelida ao seu complexo de Édipo, como resultado da falta de pênis. Para a mulher permanecem poucos danos se ela permanecer em sua atitude edípica feminina [...] Temos constatado que nesse caso, escolherá o marido pelas características paternas dele e estará disposta a reconhecer sua autoridade. O seu anseio de possuir pênis, anseio na verdade insaciável, pode encontrar satisfação se for bem sucedida em completar *{vervollstandigen}* o amor pelo órgão como amor ao portador deste, tal como aconteceu

anteriormente, quando progrediu do seio materno para a pessoa da mãe (Freud, 1940b[1938]/2008, p. 193).

Assim, na menina, o complexo de Édipo seguiria de forma a levá-la a assumir o lugar da mãe e adotar uma posição feminina em relação ao pai. Mais tarde, passaria do desejo de possuir o pênis para o desejo de ter um bebê do pai, e finalmente, na vida adulta, passaria a desejar ter um filho com outro homem¹⁸.

Vale enfatizar que, independente das dificuldades do tema e das reformulações de Freud em relação à questão do Édipo na menina, o desfecho edípico em direção inversa, como expusemos acima, diz respeito a um desfecho ideal. E para evitar questionamentos apressados em relação à hipótese aqui desenvolvida, enfatizamos também que, ao invés da saída do complexo de Édipo, o que nos interessa conhecer com maior profundidade são justamente as condições anteriores e imediatamente próximas à intervenção da barreira da castração. Entre essas condições interessam-nos, sobretudo, aquelas relacionadas ao narcisismo característico da fase fálica, comum a ambos os sexos. Nesse sentido, vale relembrar a hipótese deste trabalho, segundo a qual o caráter fálico da perversão decorreria de uma fixação e consequente predominância justamente da onipotência narcísica que sustenta a forma infantil de genitalidade¹⁹.

Assim, para prosseguirmos no desenvolvimento da hipótese deste trabalho, precisamos nos deter na averiguação de outro componente típico dessa fase da evolução sexual da criança. Trata-se das teorias sexuais infantis produzidas pela criança no esforço de dar sentido a uma realidade que ela desconhece, ou conhece a partir dos meios limitados de que dispõe na fase infantil em que se encontra. O interesse em analisar com algum detalhe essas produções infantis reside no fato de que, dada à onipotência narcísica própria dessa fase, tais crenças infantis superinvestidas podem

¹⁸ A título de complemento, leiamos o que escrevem Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 120): “Enquanto o complexo de Édipo do rapaz é minado pelo complexo de castração, o da menina é tornado possível e introduzido pelo complexo de castração. Nela,” a renúncia ao pênis só se realiza após uma tentativa para obter uma compensação. A menina resvala – poderia dizer-se que ao longo de uma equivalência simbólica – do pênis para o filho, e o seu complexo de Édipo culmina no desejo durante muito tempo alimentado de obter como presente um filho do pai, de lhe dar um filho “(Freud, 1925). Daí resulta que neste caso é com maior dificuldade que podemos assinalar com clareza o momento do declínio do complexo”.

¹⁹ Como podemos notar, embora consideremos as críticas de falocentrismo, particularmente em relação à concepção freudiana da sexualidade feminina, endereçadas por autores como Pierre Bourdieu e Judith Butler, e psicanalistas feministas como Jéssica Benjamim e outras (Saflate, 2010), tais questionamentos passam ao largo do foco da discussão nesta dissertação.

tornar-se objeto de cristalização narcísica, comprometendo a evolução sexual posterior e levando às formas perversas de sexualidade.

2.3 A pulsão de saber e as teorias sexuais infantis

Conforme os *Três ensaios* de 1905 e *Sobre as teorias sexuais das crianças* de 1908, Freud observou que desde a infância o ser humano tem seu interesse despertado para questões da vida sobre ‘problemas do sexo’. Suas observações foram obtidas principalmente dos relatos clínicos de pacientes neuróticos e deles fez inferências a fim de compreender o desenvolvimento normal e problemático da sexualidade infantil. A diferença entre as pessoas normais e neuróticas, na acepção do autor:

A diferença reside somente em que os sadios sabem dominar esses complexos sem sofrer na prática grandes prejuízos, enquanto que os neuróticos conseguem sufocá-los, mas ao preço de custosas formações substitutivas²⁰; vale dizer que na prática fracassam (Freud, 1908/2008, p. 188).

Dessa forma, segundo o autor, em seu interesse por questões do sexo a criança concebe teorias na tentativa de explicar situações que ela não pode compreender. Essas teorias infantis são determinantes das sintomatologias tanto das neuroses como das perversões, que é o tema desta dissertação.

No início, a curiosidade da criança seria em saber como nascem os bebês ao deparar-se com a difícil tarefa de ter que dividir e compartilhar a atenção e o amor dos pais com a chegada de um novo bebê, geralmente um novo irmãozinho. Diante dessa nova realidade, conforme Freud (1908/2008, p. 215), aguilhada pela pulsão egoísta, vendo-se ameaçada de perder o amor dos pais, a criança começa a elaborar teorias sexuais com o objetivo de explicar a origem dos bebês, as quais caem logo depois no esquecimento. Em relação a essa questão, na quarta lição do texto *Cinco lições de psicanálise* Freud (1910[1909]) propõe que:

²⁰ Na definição de Laplanche e Pontalis (1967/1985, p. 262), formação substitutiva são sintomas que substituem de forma equivalente conteúdos inconscientes, como, por exemplo, os atos falhos, e deve ser compreendida na acepção econômica e simbólica, na primeira “o sintoma acarreta uma satisfação do desejo inconsciente, no segundo o conteúdo do inconsciente é substituído por outro”.

No tempo em que é dominada pelo complexo central ainda não reprimido, a criança dedica aos interesses sexuais notável parte da atividade intelectual [...] Mas justamente a falta de acabamento de sua constituição sexual e a deficiência de conhecimentos, especialmente no que se refere ao tubo genital feminino, forçam o pequeno investigador a suspender o improfícuo trabalho (Freud, (1910[1909]) /1970, p. 44).

Como sabemos a pulsão, como o representante psíquico dos estímulos que se originam no interior do corpo, exprime-se em uma ação do corpo enviada ao psíquico, uma força que impõe trabalho ao psíquico, impelindo o aparelho a estabilizar os níveis de tensão, como uma medida de exigência “da intensidade de uma demanda erógena que ativa e põe em movimento o psiquismo” (Honda, 2011, p.409). Podemos observar esse movimento na energia que se move do corpo ao psíquico, despertada na criança nas manifestações somáticas das experiências de prazer na micção e de práticas masturbatórias dos órgãos genitais. Na *21ª conferência* (1916a/2008), Freud apresenta sua teoria sobre a libido e o caráter perverso da satisfação genital infantil:

Com efeito, já desde o terceiro ano de vida a sexualidade da criança não deixa dúvidas; por essa época já começam a excitar os genitais e talvez sobrevenha um período de masturbação infantil; ou seja, de satisfação genital [...] As metas sexuais deste período da vida estão intimamente relacionadas com as investigações sexuais que a criança por essa época empreende [...] O caráter perverso de algumas dessas metas depende, naturalmente, da imaturidade constitucional da criança, pois esta ainda não descobriu a meta do coito (Freud, 1916a/2008, p. 296 - 297).

As excitações que brotam do corpo incitam exigências de trabalho ao psíquico por meio de atividades de pensamento, e como resposta a essa exigência pulsional compreendemos que as teorias sexuais elaboradas pela criança apresentam uma intensa energização pulsional intimamente ligadas ao que Freud designa como pulsão de saber ou de investigação. Dessa forma, além da força pulsional invadida pelas excitações pulsionais da visão dos órgãos genitais sobre o órgão da visão, manifestada pela curiosidade sexual que se estende aos genitais dos amigos de brincadeiras, a pulsão do saber é despertada também devido às atividades masturbatórias que coincidem com esse período. Essa interação entre o psíquico e o corpo (soma), que se apresenta na junção entre uma representação [*Objekt*] e a energia pressionante [*Drang*], é o que impele a

ação para a atividade psíquica. Para Duarte (2012), o processo que permite a conexão entre a operação dos mecanismos de defesa que tentam impedir a satisfação pulsional e, do outro lado, a dinâmica energética psíquica [*Drang*] é o que define o processo representacional, o qual, por seu turno, permite a inscrição tanto no simbólico quanto no corpo. Duarte (2012, p. 55) esclarece ainda que são os conceitos de defesa, afeto e representação (ideia) “sustentados na hipótese energético-representacional”, que possibilitam a compreensão das relações que interligam o somático ao psíquico, servindo para explicar os processos normais e os patológicos.

Dessa forma, as representações do pensamento, ou seja, no caso que nos interessa aqui, as teorias sexuais infantis são a expressão da pulsão de saber que também se expressa qualitativamente como afeto de prazer ou desprazer, com o desprazer atuando sobre o recalque, com o objetivo de afastar os afetos. Assim, como representante psíquico, o trabalho imposto pela pulsão de saber “presentifica”²¹, por meio das teorias sexuais da criança, as excitações que provêm do corpo. Temos então um psiquismo pulsionalizado e erogeneizado à medida que nele ou por meio dele se apresentam as múltiplas representações mentais, pelas quais a pulsão pode ganhar expressão. Em outras palavras, se lembrarmos aqui da onipotência narcísica que caracterizaria a fase fálica, compreendemos que, pelo investimento narcísico aí presente, os processos pulsionais descritos encontram-se intensificados. Ou, dito de outro modo, as representações que constituem as teorias sexuais infantis encontrar-se-iam narcisicamente superinvestidas.

De modo análogo, compreende-se que as manifestações sexuais somáticas, como, por exemplo, as atividades masturbatórias, podem se encontrar intensificadas devido à elevação do nível energético pulsional proporcionado pela condição narcísica. Acrescente-se ainda que, como considera Freud, se o pênis se encontra no centro do universo infantil dessa fase, isso decorreria da concentração libidinal proporcionada igualmente por um superinvestimento de libido narcísica. Leiamos o que escreve Freud (1908) sobre a importância para o desenvolvimento psíquico de perguntas como, por exemplo, “de onde vêm os bebês” e, por conseguinte, dos primeiros grandes problemas que a criança terá que decifrar. Diz Freud (1908):

O que há de correto e acertado nessas teorias se explica por sua proveniência dos componentes da pulsão sexual, já em movimento

²¹ “Presentifica”: termo utilizado por Honda (2010) para explicar a pulsão como representante psíquico.

dentro do organismo infantil. Com efeito, tais suposições não nasceram de um ato psíquico arbitrário nem de impressões casuais, sim das necessidades objetivas da constituição psicosexual; por isso podemos falar de teorias sexuais típicas nas crianças (Freud, 1908/2008, p.192).

Nesse sentido, Freud (1908/2008) atesta que a curiosidade da criancinha volta-se para os pais considerados a fonte do conhecimento, dirigindo a eles suas perguntas. Porém, por esse método a criança receberia geralmente apenas respostas vagas ou represálias, e muito frequentemente os adultos responderiam com explicações tiradas de histórias dos mitos, como, por exemplo, que são as cegonhas que trazem os bebês. Assim, as respostas dos adultos normalmente não convenceriam a criança e acabariam servindo para intensificar seus medos e suas suspeitas de que tem algo que ela não pode saber ou alguma coisa proibida de ser dita. Tais desconfianças e suspeitas levariam as crianças a vivenciar pela primeira vez um conflito psíquico, que explicará na teoria freudiana, por exemplo, a neurose. Sobre esse processo, escreve Freud em 1908:

(...) certas concepções pelas quais sentem uma preferência pulsional, mas não são consideradas corretas pelos adultos, entram em oposição com outras sustentadas pela autoridade dos adultos, as quais, entretanto, para si mesmos não lhes parecem aceitáveis. Deste conflito psíquico logo pode desenvolver-se uma ‘cisão psíquica’. As concepções consideradas ‘boas’, mas que resultam numa suspensão da reflexão tornam-se dominantes, conscientes; as outras, para as quais o trabalho de investigação coligiu novas provas, as quais, entretanto não devem ser consideradas, tornam-se sufocadas, ‘inconscientes’. Fica dessa maneira, constituído o complexo nuclear das neuroses (Freud, 1908/2008, p. 191).

Nesse âmbito, as teorias sexuais da criança seriam elaboradas em suas suspeitas referentes ao sexo, caracterizadas por desejo de saber não satisfeito, ou seja, da energia pulsional insatisfeita, que requereria a ligação com representações mentais. Em última instância, como derivados de excitações que provêm do corpo, ou seja, respondendo a necessidades pulsionais. Dessa forma, surgem teorias como, por exemplo, de que a mãe concebe filhos por ingestão de algum alimento, que os bebês vêm à luz pelo intestino e que a cópula é um ato agressivo. Entre as diferentes concepções engendradas pela criança, a que nos interessa examinar mais de perto neste capítulo é a teoria sexual infantil que “consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, um pênis*” (Freud, 1908/2008, p. 192; grifo no original).

A teoria da universalidade do pênis começaria a ser desenvolvida quando a criança descobre “dois sexos entre os seres humanos, que embora tão *semelhantes* em outros aspectos, marcam sua diferença com os mais notórios indícios” (Freud, 1908/2008, p. 189; grifo no original). Como preconiza o autor, ao se deparar com a diferença, a criança passa a supor que todos os seres humanos possuem o mesmo órgão genital, ou seja, o masculino, que é “a primeira das assombrosas teorias sexuais infantis” (Freud, 1905/2008, p. 177). Com base nessa crença de que o clitóris seria um pequeno pênis, teoria mantida tanto pelos meninos como pelas meninas, compreende-se que, para a criança, pode ser inadmissível a hipótese da não existência de pênis em certos seres humanos, mesmo quando uma percepção furtiva inicial tenha revelado uma ausência. Veremos, em discussões subsequentes, a importância conferida por Freud a esse tipo de experiência, quando, por exemplo, frente à percepção por parte do menino da ausência de pênis na irmãzinha, a hipótese ou teoria levantada pelo pequeno indivíduo seria a de que o pênis é ainda pequeno, mas crescerá.

Entre as produções mentais da criança, essa teoria sexual é, em particular, a mais importante para este trabalho, pois pode ser reveladora da força no temor da castração, levando a criança a tentar não apenas renegar o que vê, mas a realidade implicada na percepção. Como aponta Freud, a tendência à renegação faz parte do desenvolvimento psicosexual da criança, porque é próprio dela confundir um pouco fantasia e realidade, porém à medida que essa tendência persiste na vida adulta, pode levar a perturbações, como a perversão. Isso porque estaria prefigurado aí um primeiro conflito, uma vez que podemos compreendê-lo como a ocorrência de um embate entre um grupo de representações investidas de afeto, as relativas às teorias sexuais, e outro grupo de representações, oriundas a partir de fora, da realidade externa, mediante a percepção. Como vimos antes, esse processo se desenrola em meio a fortes conflitos, entre as excitações corpóreas e os sentimentos de angústia provocados pelo meio externo.

Relacionada à crença na universalidade do pênis, encontrar-se-iam investigações infantis paralelas, vinculadas ao papel do pênis e aos mistérios do sexo. Nesse aspecto, a crescente ideia, favorecida por elementos visuais e ou auditivos esporádicos, pode levar à fixação da crença de que a relação sexual seria algo agressivo, suscitando na criança atitudes ou impulsos agressivos similares, como, por exemplo, a de esmagar algo ou abrir buracos. Essas impulsões, que parecem levar à decifração sobre a penetração do pênis na vagina ou de onde saem os bebês, como pontua Freud (1908/2008), não têm continuidade.

Mas, quando parece estar bem encaminhada para descobrir a existência da vagina e atribuir a penetração do pênis do pai na mãe como o ato que gerou o filho no ventre desta, nesse ponto a criança desconcertada interrompe a investigação, pois o obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é sua própria teoria de que a mãe possui pênis como um homem (Freud, 1908/2008, p. 194).

Dessa forma, mesmo que a pulsão de saber não esteja diretamente subordinada à sexualidade, de acordo com Freud (1905/2008, p. 177) “recai, inesperadamente cedo e intensamente, sobre os problemas sexuais e possivelmente é despertada por eles”. Como sabemos, faz parte da sexualidade infantil a criança escolher os pais como seu primeiro objeto de amor, todavia esse sentimento tenderá a se deslocar para outros objetos, e nos casos considerados normais este primeiro ficará apenas como modelo de escolha. Assim, ainda nos casos considerados normais, as teorias sexuais tendem a dar lugar a visões mais consoantes à realidade.

Tal processo, como vimos no capítulo I, faria parte da evolução normal da sexualidade infantil rumo à latência, à puberdade e à vida sexual adulta. A condição para o abandono de formas infantis de obtenção de prazer estaria no recalque dos impulsos perversos, proporcionados pela interiorização ao longo da educação do que Freud denominava diques psíquicos, como a vergonha, o nojo etc. Freud considerava que “na verdade, acostumamo-nos a atribuir a todo ser humano de cultura certo grau de repressão de moções perversas” (Freud, 1911/2008, p. 258), fazendo parte do desenvolvimento normal da sexualidade. Assim, é também à custa do recalque dos impulsos sexuais perversos, típicos do período infantil, e da instalação do conflito psíquico dele decorrente, que na perspectiva de Gay (1990) são possíveis as criações culturais e a vida em sociedade, destinos que se situam no mesmo caminho das neuroses.

Nesse sentido, valeria a pena a indagar-se pelas consequências não tanto de uma possível ausência ou falha no processo de recalque dos impulsos infantis e é nessa direção que nos encaminhamos na parte final deste trabalho. Seguindo Freud, veremos que, ao invés da predominância do mecanismo de recalque, que explicaria os quadros de neurose, a onipotência narcísica que alimenta as teorias sexuais e dificulta o abandono da crença na universalidade do pênis estaria na base de sustentação de um mecanismo psíquico distinto, a renegação. Assim, para o que interessa nesta dissertação, é

imprescindível tentar compreender principalmente as consequências da predominância do processo de renegação da realidade da castração. Afinal, quando essa tendência prevalece no indivíduo, tendem também a persistir até a vida adulta os impulsos sexuais infantis, que na forma de teorias sexuais, se contrapunham à castração. Entre as alternativas da dissolução edípica, em conformidade com Freud, a solução perversa estaria relacionada ao fato de a criança persistir na crença da universalidade do pênis mesmo sofrendo as ameaças de castração advindas dos adultos.

No próximo capítulo, tentaremos aprofundar o tema visando a clarificar as consequências para o funcionamento psíquico da persistência do mecanismo de renegação. Buscaremos mostrar que uma das graves consequências diz respeito à clivagem do Eu na perversão, que poderia ser tomado como o reverso de uma espécie de fixação do caráter fálico infantil.

CAPÍTULO III

O MECANISMO DE RENEGAÇÃO, A CLIVAGEM DO EU E O CARÁTER FÁLICO DA PERVERSÃO

Considerando que no capítulo anterior discutimos alguns elementos próprios da fase fálica e da situação edípica, prosseguindo no objetivo da dissertação, neste capítulo final procuramos dar o passo que julgamos necessário para compreendermos a psicodinâmica que permitiria tratar de um caráter fálico na perversão. Para tentar situar a renegação ao lado de outros processos mentais, começaremos com uma breve apresentação de alguns dos mecanismos psíquicos de defesa do Eu. Acreditamos que assim estaremos em melhores condições para entrar na discussão da renegação, bem como na hipótese freudiana da clivagem do Eu como resultante desse processo defensivo. Ao final, tecemos algumas considerações sobre o caráter fálico na perversão.

3.1 Alguns dos conflitos do Eu e seus mecanismos de defesa

Como vimos, na primeira tópica o conflito se estabelecia entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (pulsões do Eu), entre o sistema Inconsciente em oposição ao Pré-consciente/Consciente. A partir de 1915, Freud se dá conta de que, além do reprimido, inconsciente no sentido dinâmico, o Eu apresentaria outras partes inconscientes, outro tipo de inconsciente, uma espécie de inconsciente estrutural. A partir dessas suspeitas, Freud pôde chegar a um novo modelo de aparelho psíquico, a segunda tópica. Para dar conta de uma compreensão mais detalhada das instâncias e dos processos nela envolvidos são distinguidos o Id, o Eu e o Supereu. Essa nova forma de conceber o psiquismo é apresentada no texto de 1923, o Eu e o Id (Freud, 1923a/2011). É importante fazer referência ao texto de 1923a, pois é nele que o Eu é apresentado como uma instância psíquica em conflito constante, entre outros, com as emanções pulsionais, por um lado, e com a realidade externa, por outro. E a partir desses conflitos poderão ser desencadeados diferentes mecanismos defensivos. Assim, a fim de situar a

discussão sobre o mecanismo da renegação, interessa-nos aqui examinar alguns dos chamados mecanismos de defesa do Eu.

Nos textos de 1924a, Freud distingue a neurose da psicose levando em conta os conflitos entre as instâncias psíquicas, afirmando que, da tensão conflituosa entre o Eu e o Id, teria lugar o mecanismo psíquico do recalque [*Verdrängung*]²², que explicaria as neuroses, nas quais ocorreria a expulsão de representações incompatíveis ao conjunto de representações do Eu. Vale recordar que, de acordo com a teoria das pulsões, tais representações seriam os representantes psíquicos de excitações pulsionais, ou seja, ideias investidas de libido. Assim, o recalque seria acionado a fim de que o Eu “continue fiel à sua dependência do mundo externo e procure amordaçar o Id” (Freud, 1924a/2011, p. 181). É por isso que, segundo Freud, o sintoma neurótico se formaria quando ocorresse a falha no processo do recalque, isto é, quando o Eu não conseguisse manter o recalque, ocorrendo o retorno do recalcado²³.

²² Dada à necessidade de bem compreender as diferenças entre os mecanismos psíquicos de defesa aqui examinados, convém esclarecer que o termo *Verdrängung*, segundo Hanns, pode ser traduzido igualmente por recalque ou repressão, que optamos por recalque, significa empurrar para o lado ou desalojar, para o autor “a tradução por repressão não chega a distorcer o sentido de *Verdrängung*, mas leva a perdas de certas conotações lingüísticas da palavra” (Hanns, 1996, p. 355-356). Já no *Vocabulário de psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1985), o termo repressão (em francês, *répression*; do alemão, *Unterdrückung*) é apresentado como um conceito diferente do recalque (em francês, *refoulement*; do alemão *Verdrängung*). Estes autores consideram que a repressão se caracteriza pelo caráter consciente quando o conteúdo reprimido ainda está pré-consciente, enquanto recalque referir-se-ia a uma operação psíquica de caráter inconsciente “de representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (Laplanche & Pontalis, 1985, p. 594), e que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo agradável ou inoportuno. A tradução inglesa usa *repression* para traduzir o alemão *Verdrängung*, e na *standard* brasileira da versão inglesa de Strachey também foi adotado o termo repressão. Somente nas revisões feitas às edições posteriores é que a *standard* passou a utilizar o termo recalque no lugar de repressão como o correspondente ao alemão *Verdrängung*. Segundo Laplanche e Pontalis (1985, p. 594), o termo inglês *repression* não equivale a *répression* do francês. Para os autores, é o termo *refoulement* (recalque, recalque) que está consagrado na língua francesa, e usa-se *répression* (ou *supressão*, ou *opressão*) como transposição do alemão *Unterdrückung*. Frente a essas questões de tradução, Mezan (2011) entende que “em português, ‘recalque’ significa simplesmente o ato de calcar de novo, de pisar aos pés, enquanto ‘repressão’, segundo a lição de Aurélio Buarque de Hollanda, tem uma gama de significações muito mais afim ao sentido de violência que, a nosso entender, é a conotação essencial do conceito freudiano”. Ou seja, Mezan verte *Verdrängung* por repressão e não por recalque/recalque. Como podemos ver, as dificuldades e controvérsias em torno da tradução dos conceitos freudianos são inúmeras. Em razão disso, neste trabalho optamos pelo termo recalque para traduzir o termo alemão *Verdrängung*, no sentido dado por Laplanche e Pontalis (1985, p. 594) como já discutimos acima: uma operação psíquica de caráter inconsciente “de representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão”, apesar de Souza (2010), a quem recentemente foi dada a tarefa de traduzir Freud do alemão para o português, também considerar repressão o termo mais indicado.

²³ Em um processo normal, a partir das vivências edípicas de movimentos em oposição dos sentimentos ambivalentes de amor e ódio dirigidos aos pais ocorrerá recalque da representação do objeto hostil (ódio) e concomitante, o amor se transforma em idealização, permanecendo como parte do Eu diferenciado o Super-Eu ou Ideal do Eu. A partir de 1923, com a teoria do Eu instituída como uma estrutura psíquica complexa, o Pré-Consciente deixa de ser a instância que tem a função recalcante, ocupando essa função o Super-Eu postulado por Freud como fundamental no processo do recalque. Dessa forma, na segunda

Em *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924d), Freud acrescenta que tanto na neurose como na psicose haveria uma perda da realidade por parte do Eu, porém as consequências seriam diferentes e o mecanismo de cada afecção tomaria direções próprias. Assevera Freud (1924d):

Na primeira o Eu, em sua dependência da realidade, reprime uma parte do Id (da vida instintual), enquanto na psicose o mesmo Eu, a serviço do Id retira-se de uma parte da realidade (Freud, 1924d/2011, p. 215).

Por conseguinte, na neurose o Eu estaria a serviço da realidade, ou seja, o recalçado seria, por exemplo, a representação do desejo incestuoso do filho pela mãe ou da filha pelo pai (modelo freudiano simples e positivo do complexo de Édipo). O desprazer da angústia de castração associado ao pênis impulsional a operação do mecanismo do recalque, afastando os desejos incestuosos da criança de seus objetos parentais. “Para a neurose então, o fator decisivo seria a influência preponderante da realidade, para a psicose, a influência do Id” (Freud, 1924d/2011, p. 215). Em suma, conforme a citação, na neurose o conflito do Eu se daria com os próprios impulsos do Id.

Por outro lado, também conforme as palavras de Freud, na psicose o Eu estaria sob a influência do Id, ou seja, seriam os impulsos de desejo que dominariam o Eu, levando-o a posicionar-se contra as imposições ou exigências da realidade externa. Embora os textos de Freud não forneçam esclarecimentos específicos sobre a questão das psicoses, de modo geral poderíamos assinalar que o mecanismo psíquico envolvido diria respeito à ‘rejeição ou exclusão’ [*Verwerfung*]²⁴ da realidade ou parte dela. Afirma Freud (1924):

(...) autonomamente o Eu cria um novo mundo exterior e interior, e não há dúvidas quanto a dois fatos: de que esse novo mundo é

Tópica da formulação freudiana do aparelho psíquico, caberá ao Super-Eu inibir as pulsões advindas do Id, resultando no processo de recalque.

²⁴ Souza (2010) esclarece que o termo [*Verwerfung*] não oferece uma tradução exata, exigindo mais do que uma simples pesquisa. Diferentemente de *Verleugnung* e *Verdrängung*, não parece ter havido “uma clara acepção técnica da *Verwerfung*”, não podendo ser confundida com o significado do recalque das neuroses, pois *Verdrängung*, segundo autor, seria um “processo muito mais complexo que uma *Verwerfung*. Se traduzida como rejeição, a pergunta é, o que exatamente é rejeitado? A castração, a falta do pênis na mulher, a percepção de uma falta ou da ausência da presença do pênis?”. Assim, comenta Souza (2010), diante das dificuldades na tradução, a partir das sugestões de Freud, Lacan teria optado pelo termo forclusão (*forclusion*) para designar o mecanismo das psicoses.

edificado conforme os impulsos de desejo do Id, e de que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior é uma difícil, aparentemente intolerável frustração do desejo por parte da realidade (Freud, 1924a/2011, p. 180).

Em outras palavras, em favor dos impulsos provenientes do Id haveria, no caso da psicose, um estranhamento da realidade. Ou seja, impulsionadas pelo Id, certas representações que povoam a esfera egóica ver-se-iam investidas de desejo, sobrepondo-se àquelas representações resultantes das percepções oriundas da realidade. Nesse sentido, compreendemos que o conflito de que trata Freud entre o Eu e a realidade exterior na verdade designa o conflito no interior do Eu, entre um conjunto de representações originadas a partir de dentro, superinvestidas de desejo, e outro conjunto de representações originadas a partir de fora, da realidade. Assim, à medida que Freud considera a questão da criação de um novo mundo significa asseverar que o sentido de realidade do todo egóico e o sentido de realidade atribuído ao próprio mundo externo dependem da intensidade do desejo. Nesse aspecto, a percepção de realidade na perversão seria semelhante à psicose, porém para a perversão Freud propõe um “descentramento de valor” do pênis. Assim, apesar da semelhança com a psicose, o processo é bastante distinto. Tal distinção, segundo Freud (1938), residiria no fato de que na perversão:

O menino não contradisse simplesmente uma percepção, não alucinou um pênis onde não se via nenhum, somente empreendeu um descentramento de valor, transferiu o significado do pênis para outra parte do corpo, procedimento que foi auxiliado pelo mecanismo de regressão (Freud, 1940c[1938] / 2008, p. 277).

Ou seja, no caso da perversão, o indivíduo substituiria o pênis por outro objeto, o que o desobrigaria de aceitar a castração, livrando-se desse modo da angústia produzida pelas ameaças provenientes do mundo externo. Nesse sentido, embora de certo modo também ocorra na perversão uma perturbação na relação do Eu com a realidade, esta não é rejeitada em sua integralidade, como na psicose. Isso se deveria ao mecanismo psíquico particular em operação nos casos de perversão, o mecanismo da renegação, mediante o qual, por exemplo, a percepção da castração é como que desmentida. Na seção seguinte, veremos como Freud isola esse mecanismo psíquico a fim de explicar as perturbações que escapavam às explicações com base na teoria do recalque.

Lembremos que o recalque [*Verdrängung*] atinge as representações investidas de desejo, ou seja, contra os próprios impulsos eróticos incestuosos que até então se dirigiam à mãe. Logo, na neurose o Eu toma o partido da castração, da realidade, isto é, aceita a proibição e recalca o próprio desejo, internalizando as normas estabelecidas socialmente, o que levaria à formação do Super-Eu. Para as neuroses, Freud apresenta o mecanismo do recalque, que contribuiria para a dissolução do complexo de Édipo.

Como vimos, em *Três ensaios* (1905/2008), a ideia de perversão é apresentada por Freud como consequência da ausência de recalque das pulsões parciais que levariam, por exemplo, a comportamentos como a coprofilia (excitação sexual relativa ao contato com fezes do parceiro sexual). Com isso, queremos lembrar que, desde os *Três ensaios*, Freud pensa uma relação inversa entre neurose e perversão. Sua fórmula era a de que a neurose é o negativo da perversão, isto é, as tendências perversas do neurótico seriam recalçadas, revelando-se apenas como sintomas quando, com a falha no processo do recalque, ocorreria o retorno do recalçado. Por outro lado, nos perversos, dada a ausência do recalque, seriam conscientes e realizadas de fato. É preciso, no entanto, atentar para certas dificuldades nessa equação. Vale citar o comentário de Laplanche e Pontalis (1967/1985) ao aventar que esse tipo de afirmação pode levar à interpretação de que a perversão seria resultado da ausência pura e simples do recalque da sexualidade infantil:

(...) as pesquisas de Freud e dos psicanalistas sobre as perversões mostram que estas são afecções altamente diferenciadas [...] Os seus últimos trabalhos, em especial sobre o fetichismo, sublinham a complexidade desses modos de defesa: recusa da realidade, clivagem (*Spaltung*) do ego, etc., mecanismos que, aliás, não deixam de aparentar com os da psicose (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 435).

Então, a fim de conhecer algumas das especificidades do mecanismo típico da perversão, passemos ao exame dos desenvolvimentos de Freud sobre o mecanismo psíquico de renegação.

3.2 O mecanismo de renegação e a clivagem do Eu

Como os demais conceitos elaborados por Freud, o que designa o mecanismo psíquico de renegação [*Verleugnung*] ²⁵ encontra-se presente ao longo de toda a sua obra. No entanto, como os demais, esse conceito também não foi apresentado em uma forma acabada desde o início. Ao contrário, Freud desenvolve a ideia de renegação passo a passo. Mas ao longo das variações, girou sempre em torno de um mesmo tema, a realidade da castração.

Entre os anos de 1905 a 1910, a ideia de renegação ficou vinculada principalmente ao caso do *Pequeno Hans* (1909/2008), designando a atitude da criança visando a desmentir percepção da castração, alcançando um status melhor definido depois dos anos 1920, em especial no texto sobre o fetichismo de 1927. Em um sentido estrito, é definida por Laplanche e Pontalis como um mecanismo de defesa que consiste na renegação em “reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência do pênis na mulher” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 562).

Em 1905, no texto *Três ensaios*, a noção da *Verleugnung* será vinculada à tese de que quando o menino visualiza o corpo da menina e percebe a ausência do pênis se depara com a diferença entre sexos, o que ele não aceita. Nesse momento da obra, observamos que Freud postula a ameaça de castração em relação às teorias sexuais para explicar a crença na universalidade do pênis, associada à perversão: “as formações substitutivas desse pênis perdido da mulher, desempenham um importante papel na conformação de múltiplas perversões” (Freud, 1905/2008, p. 177).

²⁵Conforme justificamos na nota relativa ao recalque [*Verdrängung*], também dada a necessidade de bem compreender o sentido do termo [*Verleugnung*] utilizado por Freud, apresentamos alguns esclarecimentos referentes a sua tradução. Para *Verleugnung* são oferecidas diferentes traduções, todas importantes na literatura psicanalítica, como a versão brasileira do *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1985, p. 562), que a traduziu por “recusa (- da realidade)”, *deni*, em francês; e a da editora Amorrortu, que traduziu como desmentido. A tradução francesa utiliza *déni*, a espanhola *renegación* e em inglês encontramos *disavowal*. Segundo Hanns (1996, p. 310), a palavra alemã *Verleugnung* é utilizada “na acepção psicanalítica, para descrever a atitude contraditória em que o sujeito mantém simultaneamente a (re) negação [*Verleugnung*] e a asserção [*Behauptung*]”, mas há a possibilidade de ser traduzida como negação ou recusa. Já Bourguignon (1991) pontua que o termo recusa teria como equivalente mais próximo o vocábulo alemão *Versagung*, por isso na tradução brasileira do texto deste autor utilizou-se renegação para verter a palavra francesa *déni* (*de la réalité*), correspondente à alemã *Verleugnung*, significando uma dupla posição a um só tempo: reconhecimento da castração materna e negação desse reconhecimento. Diante dessas diferentes alternativas de tradução, pareceu-nos ‘renegação’ o termo mais próximo da definição que Freud deu à *Verleugnung* como mecanismo da perversão.

Em 1908, *Sobre as teorias sexuais infantis*, Freud retoma o que já expusera em 1905, e como já discutimos anteriormente, inicia sua hipótese de que as teorias sexuais infantis passariam a explicar a diferença entre os sexos como uma percepção que nega a realidade. Freud (1908/2008) revela:

O que há de correto nessas teorias e atinge o alvo se explica por sua proveniência dos componentes da pulsão sexual já em movimento dentro do organismo infantil. De fato, tais suposições não surgiram de um ato psíquico arbitrário nem de impressões casuais, sim das objetivas necessidades da constituição psicosexual; por isso podemos falar de teorias sexuais infantis típicas nas crianças, e por isso mesmo encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso. A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos [...] que consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, um pênis* tal como o menino conhece em seu próprio corpo (Freud, 1908/2008, p. 192; grifo no original).

Conforme nota do editor inglês Strachey (1924), a teoria infantil de que a mulher também possui pênis, para designar uma percepção da criança, é o que Freud chamaria de “desmentida” [*Verleugnung*] – uma espécie de repúdio – o que mais à frente em sua obra tornou-se o “fundamento de importantes discussões teóricas” (Strachey, 1924/2008, p. 192). Vimos também que a essa teoria infantil da crença de que a mulher tem pênis o menino acrescenta como uma forma de consolo a ideia de que “ela tem... ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer” (Freud, 1908/2008, p. 193).

Na história clínica do *Pequeno Hans*, caso de uma criança cuja análise foi supervisionada por Freud em 1909, através de relatos dos pais, informa-se que ao observar o banho de sua irmãzinha que ainda era bebê, Hans teria perguntado pelo pipi da irmã, e imediatamente comentado que o dela era pequenino, mas que cresceria. Freud acrescenta em nota de rodapé (1909/2008) que essa afirmação de Hans de que o pipi da irmã ainda é muito pequeno o favorece, pois frequentemente as teorias sexuais infantis carregam também fragmentos de verdade: “as meninas possuem um pequeno pipi [...] se bem que não crescem, sim permanece atrofiado” (Freud, 1909/2008, p. 12).

Bem mais tarde, no texto *A organização genital infantil* de 1923b, a ideia de *Verleugnung* passa a ser diretamente vinculada ao complexo de castração, na qual Freud aponta para a diferença entre a organização genital infantil e a adulta, ou seja, na primeira, tanto meninos como meninas têm como referência um só genital, o

masculino²⁶. Nesse mesmo texto, Freud apresenta a ideia de que, ao visualizar os genitais femininos, o menino descobre que nem todos têm o pênis. Assim, por meio das teorias sexuais, eles procuram tentariam encobrir ou “recusam [*leugnen*] essa ausência” (Freud, 1923b/2011, p. 173). Junto a descobertas como esta, o menino passaria a vivenciar situações que reforçariam a realidade da ausência do pênis na mulher. Além disso, ameaças de castração da parte das figuras parentais levariam aos poucos à intensificação da angústia frente à realidade da castração, ou seja, a “ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio” (Freud, 1923b/2011, p. 173).

Segundo Jones (1932/1969), a dificuldade reside no fato de que nessa idade a criança ainda não descobriu o órgão feminino, por isso, até então nem o menino nem a menina querem acreditar na suposta realidade da castração. Jones descreve a proposição de Freud, ressaltando que a interpretação dos fatos que levam à renegação da castração é um problema de difícil solução. Jones (1932/1969, p. 414) argumenta que o medo ou a ideia de ser castrado é um impacto debilitante sobre as pulsões masculinas dos indivíduos “de ambos os sexos”.

Retomando Freud, este destaca novamente essa experiência vivenciada pela criança em 1925 no texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. Nesse texto, Freud acrescenta à *Verleugnung* a tese de que ao visualizar a região genital da menina, em um primeiro momento, para tentar manter sua expectativa de que só há um órgão sexual, o menino parece não perceber nada diferente, ou seja, nega a percepção [*verleugnet*] da diferença sexual. Vale lembrar aqui que da perspectiva do conflito psíquico tal negação por parte do Eu seria apoiada pelo superinvestimento libidinal associada à teoria infantil de que todos os seres humanos possuem pênis, ou seja, o que a criança não aceita é o fato de a menina não ter pênis.

Em 1924, no texto *Neurose e Psicose*, ao postular sobre o princípio de realidade e de prazer, Freud já apresentava a ideia de que tanto na neurose como na psicose, dependendo do grau de insuportabilidade dessa realidade para cada ser humano, haveria a ação que tenderia a negar a realidade da castração, entendendo-se que essa tendência estaria presente em todo ser humano e, por conseguinte, constitutivo de todo funcionamento mental.

²⁶ Como já esclarecemos antes, o fato de tanto o menino como a menina apresentar apenas o referencial do pênis não significa que seja propriamente genital, pois as crianças desconhecem ainda a função genital do pênis. “Trata-se antes, do valor fático atribuído ao membro” (Honda, 2012, p. 07).

Prosseguindo na cronologia do desenvolvimento das ideias de Freud relativas à *Verleugnung*, encontramos o mecanismo de renegação da realidade da castração vinculado às teorias sexuais infantis também no ano seguinte, no texto *Autobiografia* de 1925. Ao expor novamente o desenvolvimento da sexualidade, Freud privilegia o primado fálico e destaca que a diferença entre os sexos advinda da teoria sexual infantil não se inicia em termos de macho ou fêmea, mas de possuir um pênis ou de ser castrado:

Ainda no auge do desenvolvimento sexual infantil estabeleceu-se uma espécie de organização genital, na qual, porém, apenas o genital masculino desempenhou um papel, enquanto o feminino permaneceu desconhecido (a chamada primazia fálica). Nesse tempo o contraste entre os sexos não era ainda *masculino* ou *feminino*, mas sim “de posse de um pênis” ou “castrado” (Freud, 1925a/2011, p. 118).

Diante do exposto sobre a *Verleugnung*, corroborando Laplanche e Pontalis (1985) e Honda (2012), surge a questão de saber se esse mecanismo de defesa incidiria sobre a percepção da ausência do pênis ou sobre a própria realidade da castração? Para Laplanche e Pontalis (1985), a *Verleugnung* não incidiria somente sobre a percepção da ausência do pênis na mulher, “porque uma ausência não é percebida como tal, só se torna realidade na medida em que é relacionada com uma presença possível” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 564). Por outro lado, se o que a criança não aceita, ou seja, rejeita é a castração, a renegação não poderia dizer respeito apenas a uma simples percepção. Sendo assim, a renegação incidiria “fundamentalmente num elemento *básico* da realidade humana, mais do que num hipotético fato perceptivo” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 564; grifo no original). Estaria sim vinculada, em consonância com Honda (2011), a algo maior, provavelmente à teoria sexual infantil da crença na universalidade do pênis, mediante a qual seria conferido sentido à realidade.

Dessa maneira, de acordo com Laplanche e Pontalis, a partir de 1924e até 1928, o termo *Verleugnung* passa a ser empregado por Freud em sua definição específica como mecanismo de defesa. E na visão dos autores, “embora não possamos dizer que ele traçou uma teoria, nem sequer que o diferenciou de processos próximos, há nesta evolução uma linha diretriz” (Laplanche & Pontalis, 1967/1985, p. 562), ou seja, a *Verleugnung* teria como linha diretriz a defesa contra a realidade da castração.

Em 1927, no texto *Fetichismo*, Freud compreende que a renegação como mecanismo psíquico de defesa seria próprio da perversão, segundo o modelo do fetichismo. Ou seja, o perverso, através da *Verleugnung*, isto é, da renegação da percepção da ausência do falo na mãe, por um lado mantém a crença em sua existência, e de outro, por medo da castração, constitui o fetiche, objeto que em sua fantasia representa o pênis inexistente.

Outro ponto que merece ser assinalado é que no texto *Fetichismo* Freud discute o termo ‘escotomização’, o qual, conforme esclarece Bourguignon (1991) é dado como sugestão de Laforgue²⁷ em substituição ao termo *Verleugnung*, em carta redigida para Freud de 01 de maio de 1925. Sobre esse termo, Bourguignon (1991) também esclarece que apesar de não constar nos grandes dicionários da língua francesa, é encontrado na edição de *Petit Robert* de 1977, definido como “exclusão inconsciente de uma realidade externa do campo da consciência” (Bourguignon, 1991, p. 52). No entanto, Freud não aceita a proposição de Laforgue por entender que na perversão não há perda de realidade e a condição da crença permanece como desejo inconsciente. Leiamos o que retrata Freud em 1927 acerca do termo sugerido por Laforgue:

‘Escotomização’ parece-me particularmente inapropriado porque evoca a ideia de que a percepção seria apagada do plano, de maneira que o resultado seria o mesmo que se uma impressão visual incidia sobre o ponto cego da retina. Mas, na situação que consideramos, pelo contrário, parece que a percepção permanece e se empreendeu uma ação muito enérgica para sustentar sua renegação (Freud, 1927/2008, p. 148-149).

Nesse sentido, a crença infantil ligada ao mecanismo de renegação [*Verleugnung*] que explicaria a perversão tratar-se-ia, na verdade, de um não reconhecimento da realidade, não havendo propriamente perda de realidade. Para proteger sua integridade narcísica, a criança – e depois o perverso – lança mão da construção de teorias sexuais, em particular a da universalidade do pênis, para explicar e encobrir as diferenças sexuais.

Pela discussão apresentada até agora parece possível compreender que todo esforço da criança com a construção de tais teorias responde a um único objetivo, o intuito de se proteger da realidade da castração. Essa crença deverá sobreviver mesmo

²⁷René Laforgue foi o primeiro presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris, que ele ajudou a fundar, em novembro de 1926.

que seus efeitos sejam contraditórios e se constitua em um paradoxo mantê-la diante da realidade da diferença anatômica dos sexos que se anuncia a cada nova percepção. É por isso que, na perspectiva de Freud (1927/2008), por meio do mecanismo da renegação, a percepção continua, uma vez que já fora inscrita no sistema de memória. No entanto, ao mesmo tempo, da mesma forma como antes de sucumbir à neurose o Eu procurava manter o recalque do desejo, há aqui uma intensa força que mantém as barreiras impostas pela renegação.

A fim de avançar no desenvolvimento da concepção de renegação, Freud apresenta o seguinte postulado no texto *Fetichismo* de 1927:

No conflito entre o peso da percepção desagradável e a intensidade do contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o império das leis do pensamento inconsciente – os processos primários. Sim, no seu psiquismo a mulher tem um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis já não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou lugar; foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor. E mais ainda, esse interesse experimenta um aumento extraordinário, pois o horror à castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto. Permanece como um *stigma indelebile* (Freud, 1927/2008, p. 149; grifo no original).

Dois anos antes, Freud propusera que o funcionamento mental com base na renegação, embora leve à confusão entre realidade e fantasia, se apresenta como algo normal entre crianças, não dando lugar na infância a um funcionamento adaptado à realidade da castração.

A esperança de ainda ter um pênis, tornando-se igual ao homem, pode se manter por um período improvavelmente longo e se tornar motivo de atos peculiares, de outra forma incompreensíveis. Ou surge o processo que eu designaria como “recusa”, que na vida psíquica da criança parece não ser raro nem perigoso, mas que no adulto daria início a uma psicose (Freud, 1925e/2011, p. 191; grifo no original).

Deixando de lado as questões relativas à semelhança entre perversão e psicose, como pontuamos antes, no que concerne ao desenvolvimento do entendimento de Freud sobre o mecanismo da renegação, importa reter sua consideração acerca dos efeitos de sua persistência no adulto. Isto é, devido à própria constituição psíquica da criança, podemos compreender como quase natural essa tendência a renegar uma realidade

desprazerosa. Afinal, como enuncia Freud (1900/2008) no texto *A interpretação dos sonhos*, a própria separação entre uma parte inconsciente e outra consciente ou pré-consciente ocorre ao longo de um processo de desenvolvimento. Assim, para o que nos interessa discutir parece pertinente enfatizar os efeitos no adulto da persistência da tendência infantil à renegação, pois esta pode levar a perturbações na relação do Eu adulto com a realidade externa. Em relação a algumas das consequências Freud (1927) escreve:

A necessidade de executar a castração que ele mesmo rejeita, vem para o primeiro plano. Sua ação reúne em si própria as duas asserções reciprocamente inconciliáveis: a mulher ainda tem um pênis e o pai castrou a mulher (Freud, 1927/1996, p. 152).

Ou seja, sob a ação da renegação, o Eu se veria dividido em uma parte que renega a realidade e outra que mantém o desejo. Assim, no texto *Fetichismo* de 1927, Freud considera que a partir da manutenção, por meio da ação do mecanismo de renegação, da crença na existência de um só órgão sexual para homens e mulheres, com a formação de um fetiche, este se torna o objeto que permite a manutenção dessa crença, fazendo a mediação entre renegar e reconhecer a ausência do pênis da mãe. Desse modo, no fetichismo ocorreria a divisão do Eu em duas correntes, uma, que segue a realidade, e outra parte do Eu que sucumbe ao desejo, ao mesmo tempo em que reconhece e renega a realidade insuportável.

Portanto, como uma modalidade privilegiada para a compreensão da perversão, o caso do fetichismo ajuda Freud na tese de que a solução encontrada para salvaguardar a saúde psíquica tem por consequência uma clivagem do Eu, uma parte que admite e registra a percepção da ausência do pênis na mulher, e outra que a renega por meio do mecanismo da *Verleugnung*.

Vejamos, então, mesmo que de forma breve, como Freud, em seus últimos escritos, chegou a conceber a clivagem do Eu como consequência de uma espécie de trauma no qual se configura a castração. *A clivagem do Eu no processo de defesa*, importante texto, possivelmente redigido no natal de 1937 e datado de 02 de janeiro de 1938, foi publicado sem ter sido concluído por Freud. Nele, são tratadas questões pertinentes ao comportamento do Eu e sua relação com a *Verleugnung*, vinculada com o complexo de castração, do que resultaria uma clivagem no Eu. Freud associa suas ideias anteriores sobre a realidade da castração e a teoria do fetichismo e deixa mais claro o

caráter ambivalente próprio ao mecanismo da renegação na perversão: manter a satisfação pulsional e ao mesmo tempo submeter-se à realidade. Nesse sentido, Freud apresenta o postulado de que os meninos:

Por um lado negam o fato de sua percepção – o fato de que não viram pênis nos genitais femininos -, por outro, reconhecem a falta do pênis da mulher e tiram as conclusões corretas. As duas atitudes persistem lado a lado durante toda a vida sem se influenciarem reciprocamente. Temos aqui o que pode ser chamado de uma *clivagem do Eu* (Freud, 1940c [1938]/2008, p. 205; grifo no original).

Tanto uma atitude como a outra permanece na disputa, uma delas conserva a satisfação pulsional e a outra mantém a aceitação da realidade. Dessa maneira, uma parte do Eu permanece do lado do desejo, configurando uma perversão, em um conflito eterno entre o Eu sobreinvestido, que continua alimentando as crenças infantis, e a realidade externa, da castração e da diferença sexual. Esse conflito psíquico no interior do próprio Eu resulta em sua clivagem, em uma cisão interna.

Mas no *Esboço de psicanálise*, texto deixado igualmente inacabado por Freud (1940a[1938] /2008), o autor postula também que quanto mais o Eu se entregar ao domínio do Id, mais intensa tende a ser a força da ação desencadeada pelo mecanismo de renegação. Nesse texto, fica mais claro como Freud concebia um mecanismo do mesmo tipo na base da psicose, a qual, em sua acepção, resultaria dos casos mais extremos da ação da *Verleugnung*. Em relação a essa importante questão, Strachey (1941/1975), em comentário ao *Esboço de psicanálise*, esclarece que Freud “estende a aplicação da ideia de uma divisão de ego para além dos casos de fetichismo e das psicoses, às neuroses em geral” (Strachey, 1941/1975, p. 308), isto é, frente a todos os conflitos, em maior ou menor grau, o Eu sofreria algum tipo de clivagem, de divisão interna. A questão assinalada por Strachey ultrapassa os objetivos desta dissertação, mas é importante notar que, na perspectiva de Monzani (1989), ao final da obra Freud parece retomar certas hipóteses postuladas desde seu início, tentando fazer como que uma revisão a fim de aprimorar o aparato conceitual da psicanálise. De todo modo, essa é uma questão que precisaria ser investigada em outro trabalho.

Aqui vale citar também as ideias de comentaristas de Freud, como Ferraz (2010) e McDougall (2011) que descrevem a perversão do ponto de vista de uma ilusão teatral, ou seja, o perverso viveria de encenações impostas como realidade. Viveriam de fantasias atuadas, que os remeteria ao “seu complexo particular ligado ao terror da cena

primária, dificilmente passível de elaboração” (Ferraz, 2010, p. 67). Nesse sentido, o autor citado propõe a hipótese de que a perversão constitui-se como defesa contra a psicose. Além disso, a gravidade do sintoma para “o estado psicótico seria ontogenicamente mais regredido do que o estado perverso, tanto no plano do estabelecimento da objetividade como da objetividade” (Ferraz, 2011, p. 46), denominando assim, a perversão como uma “psicose especializada”. Para consolidar sua proposição, Ferraz (2010, 2011) nomeia autores que fundamentam suas teorias em postulados semelhantes, entre eles Masud Khan (1987) e Hugo Bleichmar (1984), Chasseguet-Smirgel (1984), Robert Stoller (1976) e Joyce McDougall (2011).

No que toca à diferença entre a perversão e a psicose, McDougall concorda com a saída teórica lacaniana: no caso da perversão, aquilo que foi recusado não é restituído ao sujeito sob a forma delirante, mas é redescoberto, em função da ilusão que seu ato sexual contém. Isto explica também por que a cena sexual deve ser montada *ad infinitum*, pois seu papel é o de proteção contínua contra a solução psicótica do delírio (Ferraz, 2010, p. 71; grifos do original).

Da argumentação de Masud Khan (1987), de que o perverso desenvolve a técnica da intimidade para abordar o objeto, Ferraz (2011) considera que ocorre uma manipulação para que o comportamento do outro seja conforme ele espera, ou seja, “com a finalidade de sustentar uma crença, que, no limite, seria delirante” (Ferraz, 2011, p. 43). Por essa razão, hierarquicamente, para este autor, a perversão seria similar à psicose sem, no entanto, ocorrer como na psicose, “a fragmentação identitária, por mais que ela revele um sujeito dividido” (Ferraz, 2011, p. 45). Da teoria de Bleichmar sobre ‘crença’ na renegação da castração, Ferraz identifica uma hierarquia de estados menos regredidos no campo da perversão (crença diferente de alucinação), a estados mais regredidos da alucinação, própria do campo da psicose. Assim, Ferraz (2011) esclarece que para Bleichmar:

Onde não há algo, diz Bleichmar, crê-se que existe, seja o pênis ou a vida no ser querido. O substituto, assim, permanece no regime da crença, não desenvolvendo nenhuma qualidade sensorial, como ocorre na restituição psicótica (alucinação). A recusa, portanto, não age sobre o dado perceptivo em si, mas sobre o “vestígio mnêmico” da mesma, ficando a base perceptiva inscrita no psiquismo (Ferraz, 2011, p. 43).

Por isso é que a hipótese da clivagem do Eu é necessária, pois sem ela como explicar que uma realidade designada por uma percepção permanece inscrita nos sistemas psíquicos. Mas, mesmo assim Bleichmar argumenta que o mecanismo de defesa da perversão, a renegação [*Verleugnung*], opera no plano da ilusão e não da alucinação, e Ferraz entende que, mesmo que o sujeito não lance mão da alucinação e permaneça na crença contraditória da renegação, a “ameaça da queda no abismo do pensamento sobre o real do percepto faz com que paire no horizonte a própria ameaça da angústia e da depressão psicóticas.” (Ferraz, 2011, p. 43). A análise detalhada que Bleichmar (1984) faz do conceito de renegação visando uma definição mais precisa e rigorosa do termo utilizado por Freud merece um trabalho a parte. Aqui citamos apenas do que ele deduz sobre a relação que Freud elabora entre crença e renegação:

Se tivéssemos que dar uma definição de renegação, diríamos que é a operação defensiva (tendente a desviar o desenvolvimento da angústia), mediante a qual se rechaça uma crença, estando abrangida nesta ou não, uma percepção, rechaço realizado pela oposição à crença não tolerada. Outra crença, que tende a lhe fazer oposição (Bleichmar, 1984, p. 82).

Para ilustrar o mecanismo de renegar a realidade e ao mesmo reconhecê-la, exemplificamos o menino que assume o medo do perigo imposto pela realidade da castração e ao mesmo tempo se recusa a aceitar a proibição da masturbação ou do desejo incestuoso. Em outras palavras, defende-se contra a percepção da ausência do pênis na mulher, condição para o reconhecimento da diferença sexual que tal percepção implica. Nesse âmbito, o menino tentaria desfazer-se do medo, por um lado, permitindo a satisfação pulsional, mas ao mesmo tempo admitindo a realidade.

3.3 O caráter fálico na perversão

Nesta seção final, tentaremos sintetizar alguns pontos que julgamos relevantes no entendimento em que sentido poder-se-ia tratar do caráter fálico na perversão. Como vimos, no início da vida, na fase do autoerotismo, conforme os postulados de Freud postos no texto *Introdução ao Narcisismo* (1914), embora inicialmente dispersa pelas zonas erógenas, logo a libido tende a concentrar-se no Eu, e, sobretudo no período fálico, são os órgãos genitais seus portadores privilegiados. Daí a significação fálica das diferentes formas de expressão, seja no plano somático, como a masturbação, seja na

esfera psíquica, dominada pelas teorias sexuais infantis. É por essa razão que, analogamente à suposta onipotência primária proporcionada pelo sentimento de completude do bebê junto à mãe, poder-se-ia falar aqui de onipotência narcísica. Vimos também que o denominado complexo de Édipo se desenrolaria nesse cenário de onipotência narcísica.

Sabemos que na fase genital infantil fálica a criança só reconhece um órgão, o masculino, quando a fantasia e a realidade ainda estariam pouco distinguidas. À medida que a realidade se impõe e a criança a aceita, ocorreria o afastamento em relação ao complexo de Édipo. Compreende-se que nesse caso a realidade da castração acaba prevalecendo em relação ao interesse narcísico. Nesse sentido, Freud (1924) supõe que:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais (Freud, 1924c/2011, p. 208).

Ao submeter-se à castração, a organização sexual desse período infantil tenderia a ficar subordinada à genitalidade, e os comportamentos sexuais que antecedem o coito genital na idade adulta seriam apenas preliminares para a organização genital definitiva. Por outro lado, se sob a intervenção de alguns fatores a dissolução edípica permanece incompleta ou não se dá, podem ocorrer algumas das condições para a fixação às pulsões dominantes no período fálico, ou a algum de seus componentes. No texto *Cinco lições de psicanálise* (1910[1909] /1970), Freud afirma que:

Pode suceder que nem todos os impulsos parciais se sujeitem a soberania da zona genital; o que ficou independente estabelece o que chamamos *perversão* e pode substituir a finalidade sexual pela sua própria (Freud, 1910[1909] /1970, p. 42).

Apesar de componentes perversos constituírem a sexualidade humana, estes tendem a sofrer o recalque promovido pelas pressões da realidade ao longo do desenvolvimento. Nesse sentido, para Freud a perversão poderia se estabelecer quando ocorrer uma fixação na fase anterior à genital, a fase fálica. Dessa forma, Freud (1924c/2011, p. 210) observa que é possível “reconhecer ou adivinhar esses nexos entre organização fálica, complexo de Édipo e ameaça de castração”. Ou seja, para que o menino desista de seus desejos incestuosos, pois as excitações advindas do pênis estão

associadas ao desejo do menino pela mãe, as proibições e imposições provenientes da realidade, por parte dos pais, por exemplo, deveriam ser mais poderosas do que a onipotência narcisista representada pelo pênis\falo. Dessa maneira, a força do desejo incestuoso edípico estaria vinculada ao investimento narcísico, que se oporia à pressão representada pela castração. Diferentemente dos casos em que ocorreria a renúncia ao desejo incestuoso e a conseqüente internalização da proibição, rumando para a formação do Supereu, na perversão tal renúncia se veria comprometida. Tal fixação no falicismo aí predominante teria como condição justamente a forma como o indivíduo operaria a atribuição fálica o fator decisório da sua organização psíquica. Como vimos, a força do narcisismo resultante da concentração e reunião da energia das pulsões parciais em torno dos órgãos genitais, nos casos de perversão, apresentar-se-ia intensificada, de modo a dificultar a renúncia ao objeto de desejo.

Assim, na perversão não ocorreria renúncia ao objeto incestuoso, mesmo frente ao medo da castração, uma vez que a onipotência narcísica expressa, por exemplo, pela cristalização da crença nas teorias sexuais infantis, sobrepassaria o medo. Dada a força do narcisismo, renunciar ao objeto seria motivo de intenso desprazer, por conseguinte, talvez o máximo que poderia ocorrer seria uma identificação parcial com o pai e a dissolução incompleta do complexo de Édipo.

Como assinalamos antes, segundo Freud (1900/2008) no texto *A interpretação de sonhos*, no caso da neurose, para que o Eu chegue a recalcar o desejo, a condição é que o desprazer provocado seja maior que o prazer decorrente da sua realização. Esse postulado de Freud permite-nos compreender porque, no caso da perversão, o recalque do desejo está fora de questão. Dado que o Eu encontra-se investido de libido, caracterizando a onipotência narcísica, mesmo o desprazer provocado pela percepção da castração não é capaz de sobrepujar o prazer narcísico. E na medida em que, com a repetição das ameaças de castração, o conflito entre onipotência narcísica e a realidade se instala, para tentar solucioná-lo o Eu lançaria mão do mecanismo de renegação. Por sua vez, sabemos das conseqüências dramáticas resultantes do mecanismo por meio do qual a realidade é renegada, uma clivagem no âmago do próprio Eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pressuposto freudiano do mecanismo de renegação e o mecanismo de clivagem do Eu na perversão motivaram o presente trabalho a focar, clarificar e aprofundar a compreensão da sexualidade perverso-polimorfa da infância, as teorias sexuais infantis e a crença na universalidade do pênis para a elucidação dos conceitos que permeiam o caráter fálico. Verificamos que na tentativa de dissolução edípica pelo mecanismo da renegação [*Verleugnung*], o Eu permaneceria do lado do desejo e das teorias sexuais configurando uma perversão. Ou seja, a renegação implicaria um conflito entre o Eu sobreinvestido que continuaria alimentando as crenças infantis da universalidade do pênis e da realidade externa da castração, bem como da diferença sexual. Diante do reconhecimento da diferença e da ameaça de castração, a criança pode renegar a castração. Assim, a *Verleugnung* ligada ao sistema perceptivo significa a renegação da presença de algo cujo conteúdo é insuportável, ou seja, a realidade da castração. Essa alternativa, para tentar dar conta da situação edípica, se constituiria na formação de compromisso entre a preservação narcísica do pênis e o complexo de castração. Sendo assim, na *Verleugnung* o mecanismo de defesa estaria vinculado com o complexo de Édipo, entrelaçado com a percepção da ausência do pênis na mãe, o que a criança renega, por esta ser seu objeto de desejo incestuoso. Desse modo, poderíamos concluir que a ação da renegação da realidade estaria em favor das teorias sexuais na fase fálica.

Porém, a intenção de demonstrar a hipótese do caráter fálico da perversão nos pareceu não ter atingido a clarificação desejada, pois deparamo-nos com uma infinidade de novos questionamentos e dúvidas teóricas, sem tempo hábil para serem resolvidas neste trabalho. Ao revisarmos a teoria da sexualidade infantil articulada com o fenômeno da perversão fomos conduzidos a intrincados labirintos conceituais, difíceis de serem decifrados, despertando para a necessidade de aprofundarmos mais os estudos da metapsicologia freudiana, especialmente o mecanismo de clivagem do Eu e sua vinculação com a *Verleugnung*.

Vale lembrar mais uma vez que na literatura freudiana o fenômeno da clivagem do Eu não fundamenta por si só a perversão. A *Verleugnung* e a clivagem do Eu, como mecanismos de evitação da angústia de castração são encontrados nas várias

organizações psíquicas infantis sem que Freud demonstre preocupação em delimitar fronteiras muito nítidas entre o normal e o patológico. Isto é, se por um lado Freud recorre ao fetiche como modelo privilegiado para dar conta da clivagem do Eu, por outro, ela é constitutiva do sujeito humano, não pertencendo apenas aos quadros de psicopatologia.

O imenso esforço defensivo que o mecanismo de renegação e a clivagem do Eu exigem do perverso para a manutenção dos prazeres proibidos e ao mesmo tempo para suportar as frustrações decorrentes do mundo externo, nos levou a meditar sobre os misteriosos caminhos que o ser humano pode percorrer para garantir a sobrevivência psíquica. No caso do perverso, uma realidade negada e outra desejada; nega para aceitar e cinde para não desintegrar, dois paradoxos que só podem ser compreendidos no contexto do aparelho psíquico concebido por Freud.

Assim, de maneira geral, foi possível perceber que independentemente de onde os objetos provenham, ou seja, se são reais ou alucinados, para cada tipo de afecção, dependendo da forma como a realidade da castração for vivenciada pelo indivíduo, o Eu poderá ser clivado de modo diferente. Nesse sentido consideramos importante aprofundar os estudos da metapsicologia freudiana, inclusive para uma adequada condução do tratamento clínico.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (2012). Disponível em <http://www.psych.org/> Acessado em Junho de 2012.
- Birman, J. (1997) Os Jogos da Verdade. In percurso – Revista de psicanálise São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, 18, 1997, p. 24. Disponível em <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs29/29Entrevista.htm> Acessado em 18/07/2011.
- Birman, J. (2009). Pacto perverso e biopolítica. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v 21, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 10 de outubro de 2012.
- Bleichmar, H. (1984). *Introdução ao Estudo das Perversões*. Teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bourguignon, A. (1991). *O Conceito de Renegação em Freud*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ceccarelli, P. R. (2005) Perversões e suas versões. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. *Reverso*, Belo Horizonte, p. 43 a 50. Set 2005. Recuperado em 12/01/2010 de <http://www.ceccarelli.psc.br>
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). *Ética y Estética de la Perversión*. Barcelona: Editorial Laia.
- Duarte, M. F. (2012). *Corpo e Representação nos Primórdios da Metapsicologia Freudiana (1888 – 1896)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.
- Ferraz, F. C. (2010). *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F. C. (2011). As montagens perversas como defesa contra a psicose. *ALTER – Revista de estudos psicanalíticos*, v. 29 (1) 41 – 48. Recuperada em 05 de julho, 2012, de <http://www.spbsb.org.br/03.%20flavio.pdf>.
- Freud, S. (1950[1895]/1995). *Projeto de uma psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Jr., Trad.) Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1950[1895]/2008). *Proyecto de psicologia*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras Completas (V. I). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1950 [1886-1899]/2008). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras Completas (V. I). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1900/2008). *La interpretación de los sueños*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (V. IV). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1905/2008). *Tres Ensayos de Teoría Sexual*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras Completas (V. VII). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1908/2008). *Sobre las teorías sexuales infantiles* (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. IX). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1909/2008). (El Pequeño Hans) *Análisis de la fobia de un niño de cinco años* (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. X). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1910[1909] /1970). *Cinco Lições de Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud (V. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1911/2008). (O Caso Schreber) *Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XII). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1914/2008). *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras Completas (V. XIV). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1914/2010). *Introdução ao narcisismo*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XII). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915a/2010). *Os instintos e seus destinos*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XII). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915b/2010). *A repressão*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XII). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915c/2010). *O inconsciente*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XII). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1916a/2008). *21ª conferencia. Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XVI). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1916b/2008). *23ª conferencia. Los caminos de la formación de síntoma*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XVI). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1919/2008). *“Pegan a un niño”*. *Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras Completas (V. XVII). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1923a/2011). *O Eu e o Id*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1923b/2011). *A organização genital infantil*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

(Freud, 1924a/2011). *Neurose e Psicose*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1924 c/2011). *A dissolução do complexo de Édipo*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1924d/2011). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1925a/2011). *Autobiografia* (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1925e/2011). *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. XVI). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, (1926/2008). *¿Pueden los legos ejercer el análisis?* (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (V. XX). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1927/2008). *Fetichismo*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (Vol. XXI). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1930/2010). *O mal-estar na civilização*. (Paulo César de Souza, Trad.) Obras completas (V. III). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1933/2008). *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 32ª conferencia: Angustia y vida pulsional* (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XXI). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1940a[1938] /2008). *Esquema del psicoanálisis*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XXIII). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1940b[1938] /2008). *A tarefa prática, Uma mostra do trabalho analítico* (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XXIII). Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, S. (1940c[1938] /2008). *La escisión del yo en el proceso defensivo*. (José Luis Etcheverry, Trad.) Obras completas (V. XXIII). Buenos Aires: Amorrortu.

Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Gay P. (1990). *Freud uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Green, A. (2007). *Compulsão à repetição e o princípio do prazer*. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(4): 133-141. Disponível em: <<http://dc440.4shared.com/doc/hsBXrk6v/preview.html>>. Acesso em 09 jun. 2012.

Hanns, L. A. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Honda, H. (2009). *Subjetividade e metapsicologia: a constituição conceitual da realidade psíquica*. In: E. A. Tomanik; A. M. P. Caniato; M. G. D. Facci (Orgs.). A constituição do sujeito e a historicidade, p. 63 - 104. Campinas, SP: Alínea.

Honda, H. (2011). O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas. *Fractal, Rev. Psicol.* Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, Aug. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 mar. 2012.

Honda, H. (2012). *Algumas considerações sobre o papel da verleugnung na situação clínica*. Trabalho vinculado ao CNPq Proc. Nr. 401857/2008-5 e à CAPES Proc. BEX 0608/11-4. (GTP-Sedes Sapientiae)

Jones, E. (1932/1969). *Théorie et Pratique de la Psychanalyse*. Paris: Payot.

Khan, M. (1987). *Alienación en las Perversiones*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Lanteri-Laura, G. (1979/1994). *Leitura das Perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Laplanche & Pontalis. (1967/1985). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

McDougall, J. (2011). *As múltiplas faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes.

Mezan, R. (2005). *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mezan, R. (2006). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mezan, R. (2011). *A Trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva.

Monzani, L. R. (1989). *Freud O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.

Puertas, K. (2010). *Emergência e constituição do ideal do Eu em Freud*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.

Renn, P. (2009). Notes on Sexuality, Perversion and Neosexuality. Disponível em: <<http://www.counselling-directory.org.uk/counselloradvice9995.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2012.

Roudinesco e Plon (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Rudge, A. (2005). Notas sobre o discurso perverso. *Interações*. 2005, v. 10, n. 20. [citado 15 janeiro 2010], p.35-44. Recuperado em 21 julho, 2012, de <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>.

- Safatle, V. (2010). *Fetichismo Colonizar o Outro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Souza, P. P. (2009). *A construção do conceito de eu na obra de Freud (1895 – 1923)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud, o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stoller, R. (1976). *Perversion: The Erotic Form of Hatred*. London: Karnac Books.
- Strachey, J. (1924/1974). Nota de rodapé. Em S. Freud. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. V. XVI. Rio de Janeiro, Imago.
- Strachey, J. (1925/1974). *Comentários de introdução ao texto de Freud Os Instintos e suas Vicissitudes*. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Strachey, J. (1941/1975). *Comentários de introdução ao texto de Freud*. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Strachey, J. (1949/1972). *Comentários de introdução ao texto de Freud*. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Zwick, R. (2011). *O Mal- Estar na Cultura*. Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre: L&PM editores.